



Um cáustico relato da opressão no trabalho



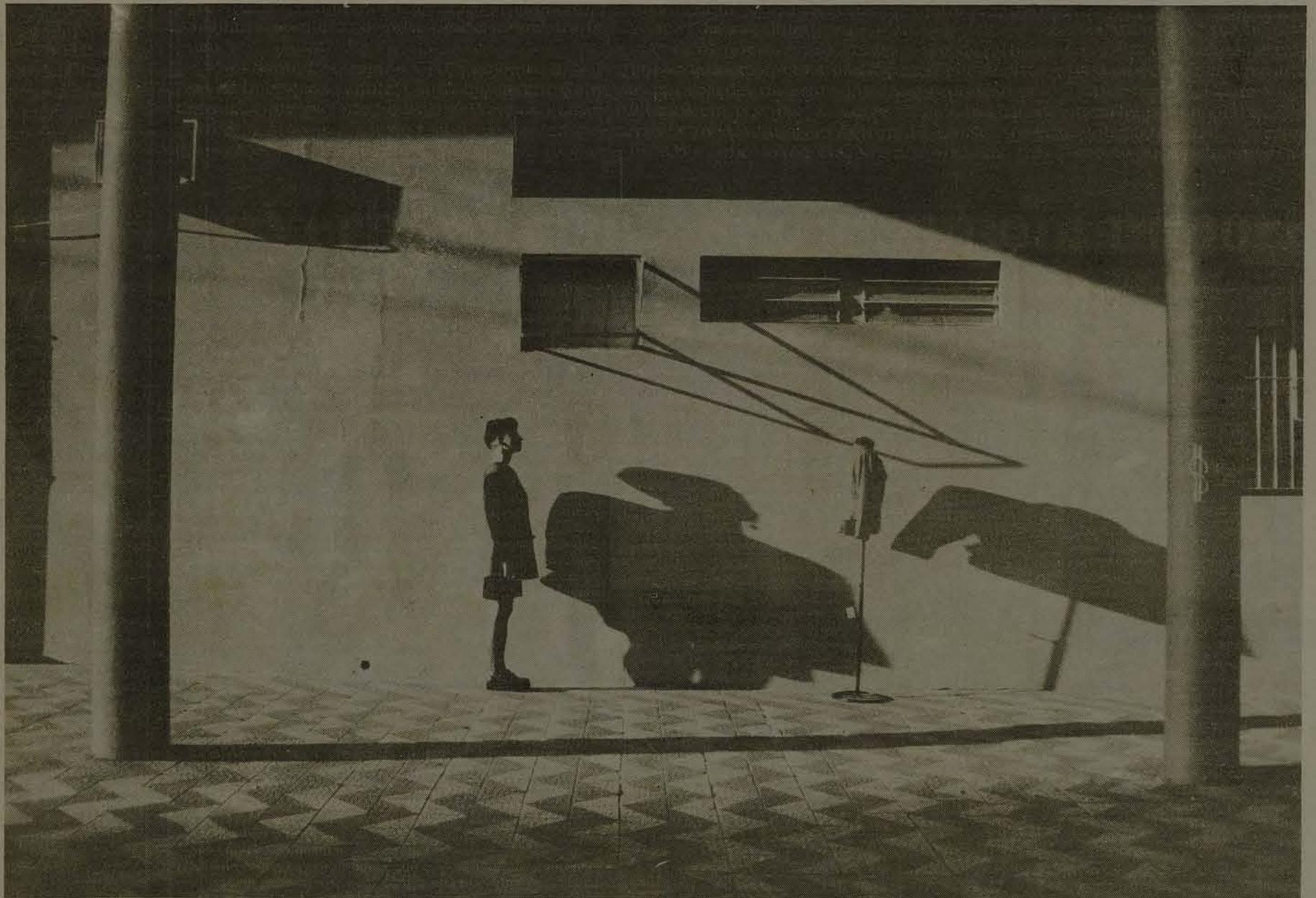
Jornalismo ganha mais dois prêmios. Zero é hepta



Guillermo Piernes fala de cartéis e agências de notícias

ZERO

Nº 2
ANO X
FLORIANÓPOLIS
26 DE OUTUBRO DE 1992
CURSO DE JORNALISMO
UFSC



Grafismo, foto de Marta Moritz vencedora na categoria *Experimental* no 5º Set Universitário

29 DE SETEMBRO DE 1992

A VITÓRIA DO POVO



Três anos depois Zero desvenda o caso do roubo do jornal



Exposição reuniu ex-alunos, professores, quem faz o Zero e seus amigos numa noite divertida

Zero comemora 10 anos com exposição



**Melhor
Peça Gráfica**

**I, II, III, IV e V
Set Universitário
Maio 88,
Setembro 89, 90, 91
Outubro 92**

Jornal-laboratório do Curso de
Jornalismo da Universidade Federal
de Santa Catarina

Arte: José da Silva Jr., Michel-
son Borges

Apoio:
Copy-Write: Professores Luiz
Scotto, Nilson Lage e Ricardo
Barreto

Diagramação: Alexandre Gon-
çalves, Cristiane Miranda, Fern-
nanda Medeiros, Karla Santos,
Maria Alice Baggio, Marli He-
nicka, Marta Scherer, Nelson
Correia, Patrícia Jacomel, Sil-
vânia Siebert e Victor Carlson
Edição e supervisão: Professor
Ricardo Barreto (MTb
2708/RS)

Editores assistentes: Alexandre
Gonçalves, José da Silva Jr.,
Nelson Correia, Rogério Mosi-
mann e Victor Carlson

Edição: Adrianê Canan, Ale-
xandre Gonçalves, Claudine
Nunes, Cristiane de Souza,
Emerson Gasperin, Jefferson
Dias, Rogério Mosimann, Ma-
riano Senna e Mônica Linhares
Fotografia: Ana Carine Mon-
teiro, Cristina Galo, Lauro
Maeda e Sérgio Mattos

Textos: Alexandre Gonçalves,
Andressa Fabris, Claudine Nu-
nes, Cléia Schmitz, Cristiane
Miranda, Diógenes Botelho,
Fernanda Medeiros, Jaime
Moraes, Mariana Baima, Nel-
son Correia, Roberta Sandres-
chi e Sílvia Pereira

Montagem: Marinho
Acabamento e impressão: Im-
prefar

Redação: Curso de Jornalismo
(UFSC-CCE-COM), Trinda-
de, CEP: 88045, Florianópolis/
SC

Telefones: (0482) 31-9215 e
31-9490

Telex e telefax: (0482) 34-4069
Distribuição gratuita
Circulação dirigida

“Este é um jornal que depende do ânimo dos alunos”, diz o editor do jornal, professor Ricardo Barreto. E o ânimo dos alunos tem sido quase sempre bom, nesses dez anos, completados em setembro: cinco vezes consecutivas premiado no Cone Sul como melhor peça gráfica, o **Zero** é um espaço aberto à criação, ao aperfeiçoamento, à brincadeira e, apesar delas, nunca deixou de ser sério.

O **Zero** é um jornal de perfil combativo e praticamente não tem censura. Já atacou — mais de uma vez — a Reitoria da UFSC. Quando Bruno Shlemper assumiu, a contra-capas saiu com uma foto de Nero cercado por seus súditos, com o título “Sangue novo na Reitoria”. Uma matéria sobre os cinemas da cidade, expressa a força do jornal: os alunos fotografaram a saída de emergência do Cine Cecomtur que, além de trancada, estava bloqueada. As fotos foram vistas pelos bombeiros que interditaram o cinema, que assim está até hoje.

Primeiro as mulheres — Segundo Ricardo Barreto, são os calouros da primeira, segunda e terceira fases que empurram o jornal e dentre eles, as mulheres trabalham mais ativamente. Chegaram a compor um hino que elas cantavam antes de começar a trabalhar. Resultado do

empenho dos alunos foram os cinco prêmios que o **Zero** ganhou no Set, Festival de Laboratórios de Comunicação do Cone Sul, promovido pela Famecos do Rio Grande do Sul; os elogios do **Diário Catarinense** e da revista **Playboy**, no seu balanço anual das melhores faculdades do Brasil, onde o jornal foi citado pela qualidade. Um dos números recentes o **Zero Zine** circulou na Bienal Internacional de Quadrinhos.

Alguns números têm merecido destaque. A primeira edição de 1990 trazia um baço de alguns fatos marcantes da década de 80, com matérias internacionais e muitas fotos. Um número especial de 32 páginas, o **Documento**, mostrou a cidade de Florianópolis tempos atrás. Uma edição semanal de outubro de 1990 trouxe, em sua página central, uma entrevista com o presidente nacional da CUT, Jair Meneguelli: a repórter Rosimeri Laurindo registra momentos de rara intimidade numa entrevista que, segundo Meneguelli, foi a mais longa de sua vida até então.

A razão do Zero - O jornal é editado e diagramado na UFSC. Externamente é distribuído para outros cursos, jornais, redes de televisão e rádio, Assembléia Legislativa, Câmara de Vereadores e às vezes para bancas de revistas. Está aberto à participação dos alunos desde a primeira fase. Eles escolhem a pauta, escrevem, fotografam, ilustram e diagramam, sob a supervisão do

professor Ricardo Barreto.

Criado dois anos após o início do curso, o jornal-laboratório é obrigatório por portaria do MEC. O nome **Zero** surgiu da ideia de que, os alunos, quando entram no jornal, começam do “zero”. Por outro lado, os jornais-piloto, enquanto não são distribuídos para o público, têm a numeração 001, 002... é o inicial.

O primeiro número do **Zero** foi feito numa tipografia com muitas falhas, como, por exemplo, a falta da letra “A” maiúscula para os títulos: neste número nenhum título pôde conter ou começar com a letra “A”. Atualmente ele é impresso em **offset** na impressora do jornal **O Estado** com uma tiragem de três mil exemplares quinzenais (começou com mil exemplares), considerada muito boa para um jornal-laboratório. As 16 páginas também são consideradas bom tamanho.

Edições semanais e edições duplicadas com 32 páginas foram bem aceitas, mas atualmente são inviáveis pela falta de alunos integralmente disponíveis. Apesar disso, o jornal vem inovando: abre espaço à cultura e eventos artísticos, a entrevistas ping-pong com personalidades e artistas famosos, a fotos e à reportagens internacionais trazidas por alunos que visitam o exterior. Existe ainda um projeto de, nas próximas edições, contar com a participação dos leitores.

Patrícia Márcia



Cartas

Privatização TVE

Cumprimentamos o **Zero** pela sua qualidade editorial e apresentação gráfica. Destacamos o alerta sobre a privatização da TVE, feita à margem da lei, o que certamente irá provocar reações junto à alta administração da Universidade. Também felicitamos o **Zero** pela excelente entrevista com o professor Nilson Lage, um dos mestres do jornalismo brasileiro. Moacir Loth Florianópolis

Zine & Gibiteca

Gostaríamos de agradecer muitíssimo o recebimento do jornal laboratório **Zero**. Realizamos uma grande distribuição na Mostra Paulista da I Bienal Internacional de Quadrinhos e também, aqui na Gibiteca, bem como enviamos vários exemplares à Universidade de São Paulo, através do professor Waldomiro Vergueiro (responsável pelo curso de especialização na área de HQ da Escola de Comunicação e Artes/USP).

Ainda temos alguns exemplares guardados, pois estamos distribuindo, prioritariamente, para os estudantes que estão pesquisando sobre o assunto para trabalhos universitários.

O **Zero-Zine** já faz parte da nossa coleção de fanzines, que é permanente e de livre acesso ao público de nossa Gibiteca. Estamos enviando em anexo, um folheto de nossa Gibiteca e colocando-nos à sua disposição para intercâmbios na área de quadrinhos. Cordialmente,
Silvana M. Casella
Coordenadora da
Gibiteca Municipal Henfil-SP

Vitória do sim faz povo vibrar

Voto decisivo na Câmara leva país ao delírio

Mais de cinco mil pessoas estiveram presentes em frente à Catedral Metropolitana no dia 29 de setembro, em Florianópolis, para assistir num telão, a votação do processo do impeachment do presidente Fernando Collor.

Os estudantes da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) se reuniram ao meio-dia na frente da Reitoria junto com alguns professores e servidores, e às 14 horas, saíram em passeata pró-impeachment.

A paralisação foi geral. Os professores atenderam os pedidos dos sindicatos e também algumas escolas de segundo grau suspenderam as aulas. Àquelas que mantiveram os alunos em sala, no final, acabaram liberando-os por causa do "arrastão" promovido pela União Catarinense de Escolas Secundaristas.

No centro da cidade, o movimento era intenso. Depois das 17 horas, as lojas de eletrodo-

mésticos estavam lotadas de pessoas, não para comprar, mas para acompanhar a votação pela televisão. As ruas encontravam-se infestadas de papéis por todos os lados, alguns escrito "Fora Collor", outros eram propaganda política de algum candidato. Na hora que começou a ser transmitida a votação, todos os cartazes, bandeiras e faixas foram erguidas e o público presente começou a cantar.

Os 476 deputados presentes começaram a ser chamados em ordem alfabética. A cada sim, a alegria demonstrada era geral, mas a cada não, o público respondia com vaias e xingamentos. Eram jovens pintados de preto, branco, verde, amarelo... outros com adesivos colados no rosto anunciando "impeachment já". Havia também símbolos anarquistas e cartazes com desenho de forca para PC.

Apesar da maioria presente ser estudante, os trabalhadores não deixaram de participar. Além dos jornalistas e fotógrafos que estavam ali, tinham os vendedores de doces e salgados. Afinal, os trabalhadores estavam presentes.



Passeatas dos estudantes lotaram o largo da catedral no ato pelo impeachment

Algumas ruas próximas à catedral foram interditadas e o trânsito bloqueado pelos guardas. Quando faltavam dezesseis votos a favor do impeachment, todos começaram a cantar: "ai, ai, ai, ai... está chegando a hora,

o dia já vem raiando, meu bem, o Collor já vai embora". Fogos para o alto, papéis picados e sorrisos estampados, quando a votação chegou aos 332 favoráveis à saída de Collor. Na expectativa final, quase todos deram as mãos

e vibraram juntos, "povo unido jamais será vencido", gritou um estudante com a cara pintada de preto. E foi declarado o impeachment do presidente.

Roberta Sandreschi

Câncer collarido mobiliza médicos do HU

Na manhã de 29 de setembro de 1992, às 17h30min, enquanto Collor vai perdendo a presidência em Brasília, na recepção do Hospital Universitário de Florianópolis uma mulher fala com o pai pelo telefone: "Dava para o senhor vir me buscar no HU porque eu fui mordida por um cachorro?" No hall da emergência, os pacientes que aguardavam a vez olham para a perna dela e sacodem a cabeça, confirmando as marcas da mordida.

Nos leitos espalhados pelo corredor do hospital, cada paciente reclama sua dor e nem sequer imagina que o presidente Collor está para ser derrubado. A enfermeira responsável pela emergência, Roseli Emília Fidélis, trabalha há sete anos no hospital e garante que foi um dia normal para os doentes. "A maioria das pessoas que está aqui no HU nem sabe o que está acontecendo com a política do país, podem até pensar que impeachment é nome de fruta ou de rei", diz Roseli. Mas para os médicos e enfermeiras que trabalham no hospital, o dia 29 de setembro foi, como para a maioria dos brasileiros, um marco histórico para o país.

Numa sala bastante pequena, com dois bancos compridos,



Nas ruas, o sentimento geral era uma confusão de raiva com alegria

uma geladeira e uma televisão, cerca de quinze médicos se espremiaram para acompanhar os votos dos parlamentares que decidiam o destino de Collor. Com os olhos grudados na televisão, o residente Renato Rogério, da 12ª fase de medicina, vibra a cada voto "sim" e xinga os deputados que votaram "não". "Esse cara tem que cair fora é já, você não

acha?", comenta Renato. Nesse momento, uma enfermeira chega na sala reclamando para Roseli que não tem mais lençóis limpos. "Coloca colcha, fronha, camisola, qualquer coisa", responde Roseli. Mas não tem jeito, ela tem mesmo que voltar para a enfermaria.

Os médicos aguardam ansiosos o momento do deputado Cé-

sar Souza votar. "Quero ver se ele vai virar a casaca agora", comenta alguém. "Ele nem se atreve, porque o pessoal de Criciúma acaba com a raça dele", responde outro. Quando o deputado pronuncia o esperado "sim", o alívio é geral e alguém diz: "Pelo menos alguma coisa de bom ele fez na vida".

O entra e sai na sala é grande.

De vez em quando, um médico é chamado porque um paciente precisa tomar medicação ou um outro precisa ser costurado. O residente de medicina Luiz Benedito não teve que atender ninguém durante a votação. É que o plantão de Luiz terminou pouco antes da votação iniciar e ele ficou por ali mesmo para não perder nem um minuto do processo.

Quando o placar anunciou que faltava metade dos votos para Collor receber o impeachment, os médicos já consideraram o presidente fora. Mesmo assim o momento ainda era de ansiedade, que foi momentaneamente quebrada pelo voto do deputado que ironizou o presidente: "Duela a quem duela, eu voto sim!" Nesse momento alguém pede: "anota aí, minha filha, que essa é boa!"

Na sala dos médicos do HU não faltou nem a velha contagem regressiva a partir dos dez, que perdeu o ritmo por causa do voto do deputado Paulo Octávio, favorável a Collor. No 336º voto, todos comemoram com alguma pressa. Saindo daquela sala, o mundo dos doentes não dá tempo para pensar no pós-impeachment.

Mariana Baima

Rapazes entre 18 e 21 anos se oferecem para momentos inesquecíveis, capazes de tirar qualquer um da rotina". Este tipo de anúncio está aumentando cada vez mais nos classificados dos jornais de Florianópolis. São diversos garotos de programa que, trabalhando em agência ou como autônomos, prestam serviços de acompanhamento e realizam "todos os tipos de fantasias sexuais", de executivos e executivas atendendo até em festas particulares. Aqui um pouco de suas histórias:

Para usufruir da companhia destes garotos, o cliente desembolsa praticamente a mesma quantia que pagaria por um consulta médica num clínico geral, Cr\$ 150 mil por um programa de duas horas e Cr\$ 300 mil por quatro horas. Esta quantia é dividida meio a meio entre o garoto de programa e a agência. Cada rapaz faz no máximo dois programas por dia e consegue faturar no mínimo um milhão e meio de cruzeiros por mês. O lucro da agência fica em torno de quatro a seis milhões. Os investimentos não são muitos, basta o aluguel de um apartamento e de um telefone, uma quantia entre 300 e Cr\$ 600 mil mensais para os anúncios, além das despesas domésticas de alimentação. Tendo, é claro, profissionais bem qualificados para o tipo de serviço.

Garotos do Continente — A maioria dessas agências fica na Região Continental de Florianópolis. Elas não chegam a exercer concorrência entre si, o campo de trabalho é grande e o mercado ainda pequeno. Elas invadiram a cidade há um ano.

Algumas agências atendem inclusive o interior do estado, como é o caso da Tele Boys, que tem clientes cadastrados nas cidades de Joinville, Itapema, Joaçaba, Chapecó e Itajaí. A agência é pequena e funciona há quatro meses um apartamento no Bairro do Estreito. Sua clientela é na grande parte masculina e ela atende 24 horas por dia. A Tele Boys é a agência que anuncia diariamente nos jornais. Aos domingos ela chega a colocar dois anúncios diferentes nos classificados.

O time da Tele Boys conta com quatro garotos de programa. Dois deles trabalham apenas como parceiros sexualmente ativos e dois como ativos e passivos. Mesmo participando da agência, os rapazes desenvolvem outras atividades. Um deles é bancário. Suas principais preocupações são que a família descubra. Somente um deles se declara homossexual, e dois deles moram no apartamento. Os outros vivem com os pais.

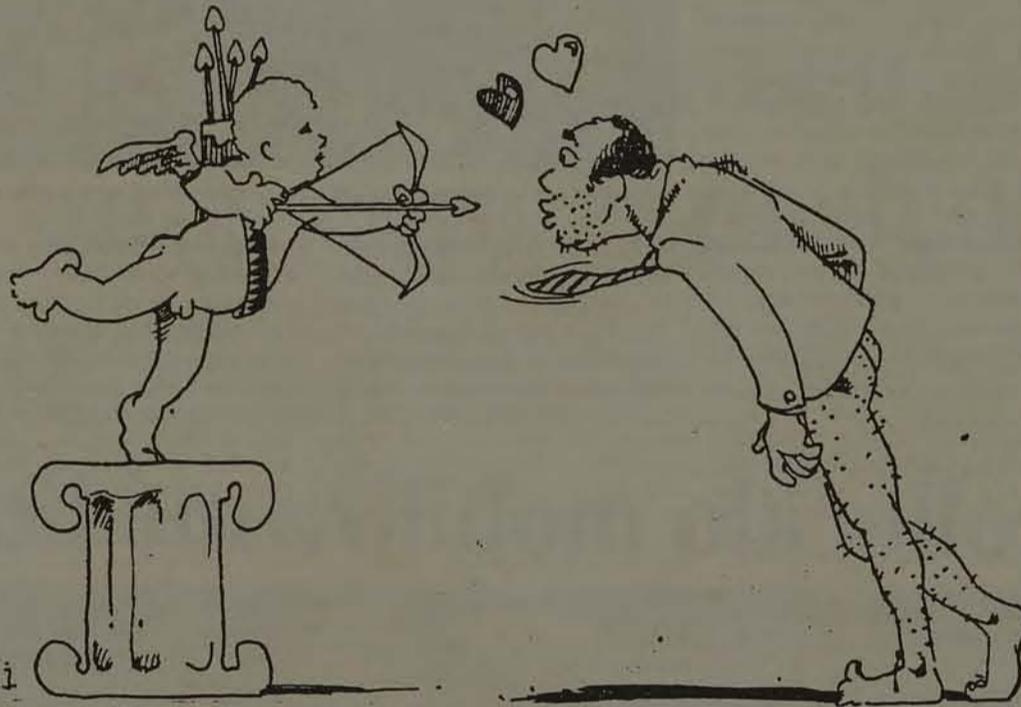
Além dos garotos de programa, a Tele Boys conta ainda com duas pessoas responsáveis pelos telefonemas, que se revezam em dois turnos de serviço. Um deles é Marcelo, o proprietário da agência.

O Cafetão — Marcelo deixou a casa dos pais, no interior do Paraná, cedo, aos 16 anos, e foi tentar a vida em Curitiba. Diz ter feito quase tudo que se possa imaginar para poder sobreviver. Chegou a prestar vestibular três vezes para Odontologia, sua grande paixão. Apesar de não ter conseguido passar, ele não descarta a possibilidade de ingressar numa faculdade. "Talvez algum dia eu ainda faça Direito".

Duas coisas Marcelo faz questão de afirmar: que não é homossexual e que nunca fez programa na vida, nem "jamais chegaria a fazer". Mesmo assim sua história pode se confundir com a de muitos rapazes que entraram no ramo para conseguir sua autonomia financeira.

Ponha um garoto em sua cama por Cr\$ 150 mil

Profissionalismo chega ao requinte de exigir que apenas clientes chupem



Hoje, aos 28 anos, ele trabalha em outro emprego durante o dia e se considera mais um empresário que um cafetão. Na sua opinião, não é muito difícil administrar uma agência de garotos de programa. "Os rapazes podem levar uma vida normal, com muito menos preconceito que as mulheres", avalia, lembrando que desde o início fez questão de não trabalhar com agências femininas e muito menos com agências mistas. "Isso nunca dá certo".

Além disso, ele acredita que as mulheres não encaram esse tipo de serviço com a mesma naturalidade dos rapazes. "Muitas não se conformam em se prostituir e acabam em depressão". Mesmo assim, Marcelo mantém amizade com o pessoal das agências femininas e de vez em quando telefona para elas a fim de manter-se atualizado nos preços dos programas. Ele também observa um grande clima de descontração entre seus rapazes e as garotas de outras agências. Brincam passando trotes uns para os outros pelo telefone.

Agência familiar — Descontração e amizade é o que parece não faltar entre os Tele-boys. Marcelo diz que os rapazes convivem como se estivessem numa república masculina qualquer. Ninguém na vizinhança sequer desconfia do funcionamento de uma agência de garotos de programa no

apartamento. Isso fez com que se instituisse uma atmosfera familiar dentro da Tele Boys. "A gente acaba ficando com apego aos rapazes. Às vezes, não consigo nem dormir durante a noite enquanto eles não voltam para casa", reflete preocupadíssimo. É por isso que como medida de segurança, Marcelo sempre faz questão de saber para onde eles estão indo e quando possível, anota o telefone do cliente e o endereço da residência ou motel para onde o garoto é levado. Quando o cliente fica de apanhá-los, o encontro é marcado sempre perto da agência e a placa do automóvel também é registrada no caderninho de anotações da agência.

Além da segurança, a saúde e seus futuros também estão incluídos na preocupação do proprietário da Tele Boys. Drogas não são permitidas em hipótese alguma. "Se rolar droga, eu mando embora. Nem droga, nem bebida, nem crime", adverte Marcelo, que também aconselha os rapazes a lerem muito e assistirem aos telejornais todos os dias para se manterem atualizados. Isso para ele é "extremamente" necessário, já que muitos clientes procuram rapazes extrovertidos e que além de transar bem, tenham um papo "cabeça".

Sexo consciente — Apesar de todos os conselhos e restrições que recebem, os rapazes da Tele Boys dizem

ter uma vida livre, onde ninguém demonstra se sentir usado pelo serviço que faz. "Eu não obrigo ninguém a fazer nada. A partir do momento que não estou obrigando, a consciência não pesa", pondera Marcelo. Ele diz que ao ingressar na agência, o rapaz já é alertado de que não precisará fazer nada contra sua vontade. Isso faz com que Marcelo procure sempre escolher bem seus profissionais.

Quando ele resolveu abrir a agência e colocou os primeiros anúncios oferecendo emprego, apareceram mais de 160 interessados, alguns deles até com 16 e 17 anos. Mesmo assim, o chefe da Tele Boys diz que não foi difícil selecionar, através de entrevistas, os quatro rapazes para preencher as vagas.

Mesmo com toda a liberdade que dizem ter, uma coisa é obrigatória para os Tele-boys: o uso de preservativo.

"Os rapazes dizem já terem adquirido consciência disso. Já aconteceram casos deles voltarem porque o cliente não quis usar camisinha", faz questão de dizer Marcelo. Ele insiste em dizer que os garotos não aceitam programas que não estejam a fim. "Eles não têm relações com os nojentos". Ao mesmo tempo, salienta que os usuários da Tele Boys são de "alto nível". De vez em quando aparecem algumas exceções, mas ele

não esconde que são raras. "Já aconteceu de pintar uns bem depravados, mas os rapazes falam que não dá transa, só sacanagem". O dono da agência lembra do dia em que um dos rapazes chegou dizendo que o cliente pediu apenas que lhe amarrasse e batesse nele, sem transar.

Profissão de preconceitos — Apesar de estarem exercendo uma atividade que sofre discriminação da sociedade, os garotos de programa também ostentam seus próprios preconceitos: não aceitam clientes negros. "Os negros são depravados e não têm dinheiro. Os mais ricos pegam rapazes na Praça XV mesmo. Eles são super-depravados". Da mesma forma que a realidade dos tele-boys parece estar distante da dos michês da Praça XV, está distante também das saunas masculinas. "Os rapazes não frequentam esses lugares porque em sauna só rola putaria, baixo nível mesmo".

Uma coisa que os tele-boys dizem não fazer de jeito nenhum, é o sexo oral com os clientes. "O rapaz não chupa, só é chupado", explica Marcelo. Outra atividade que também não é aceita, pois compromete a "relação familiar" dos garotos, é o sexo entre eles. Nem mesmo se o cliente estiver disposto a pagar por isso, como é comum acontecer nas agências femininas. O único tipo de "voyeurismo" permitido ocorre quando o rapaz é contratado por algum casal para transar com o homem ou a mulher, enquanto o parceiro observa. No entanto, estes casos também são raros.

Consumidor carente — Apenas um a cada dez telefonemas diários recebidos pela agência são de clientes femininas e, mesmo assim, isso não significa que as mulheres sejam consumidoras regulares do sexo por telefone. Marcelo conta que muitas delas ligam apenas para passar trote. O grande público da Tele Boys, 90%, fica sendo masculino. Em geral são homens de "famílias tradicionais", com nível cultural alto e emprego e negócios a preservar.

Cada realização de uma fantasia sexual pode custar para o cliente, no mínimo, Cr\$ 400 mil cruzeiros. Já estão incluídos, além do preço do programa, o valor do motel e do táxi para transportar o rapaz, sem contar as eventuais "gorjetas". Marcelo comenta que entre sua clientela estão muitos políticos do interior e repórteres de televisão. "A maioria é gente com alguma carência afetiva. Muitos deles só querem uma companhia para conversar e fazer algum carinho". Para ele, é normal os homens se sentirem mais carentes que as mulheres. "É da própria natureza humana", define. E é por isso que o sigilo absoluto é mantido e a agência consegue manter uma clientela fiel.

Para o proprietário da Tele Boys, é a própria sociedade que cria os preconceitos sobre a profissão dos garotos de programa. Mas de outra forma, é a mesma sociedade que desfruta de seus serviços. Logo, "ela não tem moral para julgar ninguém". Muitos clientes já têm seus garotos preferidos, alguns chegam a contratá-los até por um final de semana inteiro. Outros utilizam os tele-boys uma vez por semana e há até quem tenha experimentado o time inteiro. Isso fortalece o pensamento de Marcelo de que é vantagem a agência não ser muito grande. Assim os clientes ficam cada vez mais familiarizados com os serviços que ela tem a oferecer. Para ele, excluindo-se o preço, é o bom atendimento que garante 99% do sucesso da Tele Boys junto a seu público.

Nelson Correia

Classificados prometem um bom tamanho

Existem agências onde os garotos experimentam um "convívio familiar" e têm uma relação direta e constante com os fregueses, mas outras apostam numa lógica diferente, onde o que conta é a diversidade. É o caso da Disk-Gatos, que tem onze garotos de programa trabalhando e está sempre renovando o time. Para Francisco, o responsável pela Disk-Gatos, isso garante que haja sempre novidade na praça. "É bom porque os clientes não enjoam dos rapazes e podem variar sempre".

A forma de trabalho e o preço dos programas são os mesmos: 150 mil duas horas e 300 mil quatro. O que muda consideravelmente é a idade dos profissionais, de 18 a 31 anos. Isso pode atender a diferentes gostos. A agência está sediada no Kobra-sol, em São José, e o seu expediente inicia às três horas da tarde, quando os garotos começam a chegar no apartamento. Os rapazes se revezam por turnos e Francisco recomenda aos clientes os que estão disponíveis no momento. "Agora, por exemplo, eu tenho um garoto de 18 anos, 1,80m, castanho claro e com um pênis de 20 x 6 cm", descreve pelo telefone.

Apesar do responsável pela Disk-Gatos achar "superimportante" a divulgação dos serviços das agências masculinas, principalmente para desmistificar a profissão dos garotos de programa, sua agência não investe muito nos classificados. Os anúncios não saem com muita frequência, geralmente nos fins de semana, e limitam-se apenas ao nome e o número do telefone da agência. Nada de textos irreverentes ou convidativos, como na maioria das agências de prostituição.

É também acreditando na força dos anúncios que muitos rapazes resolvem entrar por conta própria no mercado do sexo. Foi o caso dos irmãos Ivan e Paulo, que de tanto terem suas atenções despertadas pelos anúncios das agências, resolveram se oferecer. "Eu não trabalho com programas, mas acho que deve dar muito dinheiro. Por que tu também não colocas um anúncio?!?", indaga Ivan. Com um texto sério, de quem ainda não tem a experiência de profissionais, os rapazes colocam à disposição o telefone de sua própria residência. Suas idades, no entanto, estão um pouco acima da média preferida no mercado, 27 e 32 anos e seu público alvo é estritamente feminino, "mulheres de 30 a 50 para acompanhamento ou mesmo a fim de amizade", conta. "Um monte de gente ligou, mas não deu nenhum programa".



“Na Ilha tem muita bicha”

Ex-garoto de programa diz que 30% são enrustidos

Enquanto alguns rapazes pensam em se tornar garotos de programa com uma idade um pouco avançada para quem está começando, outros preferem a aposentadoria ainda no auge da carreira. Foi o que aconteceu com Sandro, de 21 anos, que largou os programas há três meses para dedicar-se exclusivamente a seu emprego de Assessor de Marketing num hotel quatro estrelas, no Continente. Ele agora não quer trocar por nada a estabilidade que conseguiu.

Além da busca da independência financeira, foi a ambição que fez com que Sandro começasse a fazer programas. Ele acredita ter vivido bastante para sua idade, fez até um curso técnico em agropecuária num colégio secundarista interno e chegou a estudar um ano de Psicologia. Resolveu largar os estudos e a família, no oeste do estado, para tentar a vida em Porto Alegre, onde começou a fazer programas, aos 19 anos. Sandro diz não ter sido por necessidades financeiras que ele iniciou a carreira, mas sim por curiosidade. Acabou gostando e continuando. Hoje, ele pensa que se estivesse na casa dos pais, poderia levar uma vida típica de "boy", com um carro na mão e mesada no bolso. Mas não se arrepende da troca. "Eu sou do tipo camaleão, superadaptável. Se estou no meio dos lobos, viro lobo também; se estou no meio dos coelhos sou levado pela raposa; agora, se estou no meio das raposas, quero ser a mais esperta de todas".

Autonomia - Veio de Porto Alegre para Florianópolis há oito meses e logo tratou de botar em prática o que aprendeu no

mercado gaúcho da prostituição. Lá, além de fazer programas, ele cuidava da parte administrativa e estrutural de agências. Quando chegou aqui começou a trabalhar na Tele Boys, mas não ficou por muito tempo. Assim que formou sua clientela caiu fora, alugou um apartamento e um telefone e começou a trabalhar por conta própria. "Na agência é obrigado a encarar qualquer coisa", reclama, dizendo ainda que é difícil o responsável pela agência deixar o cliente criar algum vínculo com o garoto. Ele reclama também da aparência dos rapazes que trabalham no mercado catarinense. "Eles não chegam a servir para feios, mas podiam ser mais bonitos", acredita, confiante em si mesmo.

Só para mulheres - O público alvo de Sandro sempre foi estritamente feminino. Depois que passou a trabalhar como autônomo, ele pôde dar-se ao luxo de escolher suas clientes. "Se for muito velha eu não quero". É por isso que as mulheres com quem ele costumava fazer programas estavam numa idade entre 25 e 32 anos. A maioria delas era, dona de casa ou profissional liberal, possuía um bom padrão de vida e vinha de casamentos desestruturados. Em geral, diziam para ele que casaram-se muito novas e o procuravam para buscar o que não encontravam na cama com os maridos. "Algumas queriam só ver como era transar com outro cara, outras queriam alguma coisa diferente e pediam para dar arranhões e dentadas com força", relembra. Sandro comenta que não se importava em realizar as fantasias sexuais de suas clientes. Seu único medo era que uma delas pudesse se apaixonar por ele.

O garoto de programa confessa já ter recebido vários presentes de suas clientes e ainda não descarta a possibilidade de ficar apenas como um gigolô ou quem sabe até dar o golpe do baú. "Se eu arrumar uma de 40 anos ou mais, é claro que eu vou sugar mesmo... o problema é se eu arranjo uma mais nova e acabo me fissurando nela".

Trabalhando por conta ou em agências, Sandro diz sempre ter usado preservativos. Um coisa que ele diz não admitir, de jeito nenhum, é o homossexualismo, nem mesmo ativo. "Se eu sair com uma mulher e ela resolver me enfiar o dedo na bunda, eu dou uma porrada, mas se for um homem, a coisa não é bem assim". Uma das coisas que mais lhe impressionou quando veio para Florianópolis, foi a quantidade de homossexuais na cidade. "Aqui tem muita bicha! Mais de 30% dos homens devem ser. E tá cheio de enrustido que diz que não é, mas gosta de dar a bunda e pronto!", escandaliza-se. Ele conta que há pouco tempo, assim que parou de fazer programas, recebeu uma oferta equivalente ao preço de sete ou oito programas de duas horas para transar com um "enrustido" que encontrou na sauna do hotel onde trabalha. Apesar da quantidade tentadora, ele diz não ter aceito.

Grande negócio - Hoje, recebendo bem menos do que poderia estar ganhando como garoto de programa, ele confessa não ter se arrependido em ter escolhido o serviço no hotel. "Sem dúvida, ou e escolhia um ou o outro. Os dois ao mesmo tempo não dá", conclui. Além disso, só o fato de poder estar em contato

direto com as "pessoas de alto padrão" que frequentam o hotel, já é algo recompensador para ele. "Quem sabe pode até pintar alguma coisa por aqui...".

Mesmo sem estar trabalhando no ramo, Sandro não perdeu o contato com as agências de prostituição por telefone. Sempre que necessário, é ele que faz a intermediação entre os hóspedes e elas. Quando algum hóspede pede por algum serviço feminino, ele indica a agência Belle's Girls, que já deixou seu catálogo no hotel, sem o conhecimento do gerente, é claro. "É a melhor que tem e as gurias disfarçam muito bem", avalia pensando nas gorjetas que recebe pela indicação. Já com as agências masculinas a situação é diferente. Ele diz que raramente algum hóspede pede "indicação", mas sempre que pode, ele "dá serviço" para a Tele Boys.

Atualmente, associando seus conhecimentos no ramo do sexo e da assessoria de marketing, Sandro pode recomendar a abertura de uma agência de prostituição telefônica em Florianópolis como um ótimo negócio. Basta ter uma estrutura mínima e um pequeno capital de giro inicial, quanto ao quadro profissional da agência, ele diz ter uma estratégia infalível: "Dá pra começar com dois rapazes ativos e dois ativos-passivos. Com o retorno que vier dos homens, dá pra contratar algumas gurias. É só saber selecionar bem a clientela que tem dinheiro, que entra lucro direto para a agência, de quatro a sete milhões de cruzeiros por mês".

Textos:
Nelson Correia

Estatuante muda perfil da UFSC

Reforma pode implodir centros

A Universidade Federal de Santa Catarina vai modificar o estatuto de 1978. Dia 11 de novembro será instalada a Assembléia Estatuinte, que vai aprovar o novo regulamento até junho de 1993. Toda a estrutura da Universidade pode ser modificada, para isso, 123 pessoas, de dentro e de fora da UFSC, vão participar.

A formação é semelhante à Assembléia Nacional Constituinte, que elaborou a Constituição de 1988. Haverá representantes de entidades como a Assembléia Legislativa, Câmara dos Vereadores, Secretarias Estaduais e Ciência e Tecnologia, OAB, CUT, estudantes secundaristas, instituições ecológicas e associação de microempresários.

A UFSC terá 99 representantes escolhidos de três ma-



Abreu "Finalizar até junho de 93"

neiras. Os centros vão escolher 33 pessoas da forma que considerarem mais adequada. As categorias vão escolher 33 pessoas também: 11 professores, 11 servidores e 11 alunos. Os outros 33 membros serão escolhidos nos fóruns abertos. Os fóruns são debates sobre um tema espe-

cífico. Qualquer pessoa pode participar desde que se inscreva com antecedência.

O poder de decisão da Reitoria é um dos assuntos em discussão. Saber se os Pró-Reitores vão continuar tendo direito a voto no Conselho Universitário (CUN), no Conselho de Ensino, Pesqui-

sa e Extensão (CEPE) e no Conselho de Curadores. Vão ser debatidos também, o peso de cada categoria e dos representantes de entidades de fora da UFSC nos Colegiados.

Outro tema polêmico é a volta ao sistema de faculdade. Seria como dividir os centros. O Centro de Ciências da Saúde, por exemplo, deixaria de existir. No seu lugar, funcionaria a Faculdade de Pediatría, de Nutrição, de Enfermagem. A Faculdade é voltada para a formação profissional e os centros abrangem várias áreas.

Hamilton Abreu é contra a faculdade pois, segundo ele, especifica demais o conhecimento, oferecendo uma visão restrita ao profissional. A diretora do Centro Tecnológico, Ana Maria Matos é favorável a esse sistema porque considera que proporciona uma formação profissional melhor: "os alunos teriam a parte profissionalizante desde o início do curso e não apenas nas fases mais adiantadas".

Claudine Nunes

Catarinense lança livros infantis em SP

Os livros *Um Monstrinho no Coração* e *O Guardião dos Sonhos no Labirinto de Vidro*, do escritor catarinense Sérgio Jeremias de Souza, com ilustrações do estudante Michelson Borges, foram lançados na 14ª Bienal do Livro, realizada em São Paulo. Os livros trazem histórias infanto-juvenis onde, através de metáforas e simbolias, o autor retrata os sentimentos humanos.

Em *Um Monstrinho no Coração*, Sérgio conta a história de um rapaz que trazia dentro do coração um monstrinho que saía de seu peito quando tinha uma forte emoção. Já *O Guardião dos Sonhos no Labirinto de Vidro* trata da prisão do Guardião dos Sonhos pelo Mestre dos Pesadelos e sua libertação pela Fada Saudade.

Sérgio é natural de Braço do Norte, município do Sul de Santa Catarina. Estudou Filosofia na Unisul, em Tubarão e Teologia no Itese (Instituto de Teologia de SC), em Florianópolis. Atualmente, é diácono da Paróquia de Braço do Norte e, aos 27 anos, já tem vinte livros publicados. Com estas publicações, o escritor tenta "resgatar a capacidade das crianças e dos jovens de sonhar e manter acesa a esperança de concretizar esses sonhos".

O ilustrador dos seus livros, o criciumense Michelson Borges, de 20 anos, é aluno do Curso de Jornalismo da UFSC e trabalha na Coordenação de Apoio a Eventos e Informações da Universidade e em de seus últimos trabalhos foi o cartaz principal do vestibular de 93.

Novos direitos garantem dignidade a substitutos

Em encontro com a Pró-reitoria de Ensino e com a Apufsc, uma Comissão de professores substitutos assegurou no início de setembro, uma série de melhorias nas suas condições de trabalho, entre elas a equiparação de seus salários aos dos demais professores da Universidade.

Assim, os substitutos passam a ter a incorporação de adicionais referentes a férias, 13º salário e abono de 1/3 aos seus vencimentos. Outra garantia conquistada é o pagamento de 12% para especialistas e 25% para mestres.

Entre os benefícios estendidos aos professores substitutos estão a garantia de uma sala para preparação de aulas e atendimento de alunos e o uso da Biblioteca Central e do Restaurante Universitário. Nos Colegiados de Curso os substitutos passam a ter direito de participar podendo fazer uso da palavra mas ainda sem o poder de voto.

A Comissão também pediu que os departamentos evitem mudar as disciplinas dadas pelos professores substitutos para que eles não tenham que preparar conteúdos diferentes a cada semestre. O presidente da Comissão, Ido Luiz Michels, também reclamou da carga horária que

geralmente chega a 12 horas enquanto que dos demais professores nunca ultrapassa 8 horas.

Quebra galho — Uma das principais reivindicações da Comissão era 40 horas de dedicação exclusiva para os professores que estão desenvolvendo dissertação de mestrado, mas o pedido não foi aceito. "Estamos contratando substitutos para quebrar galho e não faz sentido dar horas para eles fazerem outra coisa", diz o pró-reitor Dilvo Ristoff. Para Ido o pró-reitor não tem preocupação com a qualidade de ensino da universidade e quer apenas reduzir custos.

A UFSC tem hoje 162 professores substitutos, um número que cresceu muito comparado com 1990 quando havia apenas 34. A explicação é que no ano passado cerca de 250 professores se aposentaram. Como o processo de contratação de um professor efetivo é muito demorado, a universidade contrata professores em caráter temporário enquanto aguarda o resultado dos concursos.

Desde o primeiro semestre de 91 foram contratados 80 professores efetivos e atualmente 30 concursos estão em andamento. A pró-reitoria de ensino espera ter em 94 um limite de 30 substitutos, suficiente para cobrir

eventualidades como problemas de saúde e gravidez.

Para reduzir o número de professores substitutos o Departamento Pessoal decidiu mudar o processo de pedido da aposentadoria. Agora os professores vão ter que enviar um ofício requerendo aposentadoria ao chefe de departamento que será o intermediário do processo. Assim ele vai ter tempo de pedir a contratação de um professor efetivo para a vaga.

Contratação — O processo de contratação de um professor efetivo começa com uma solicitação do departamento de ensino que é analisada pela Comissão Técnica de Ensino (CTE) e depois pela Comissão Permanente de Pessoal Docente (CPPD). Só então esta solicitação segue para o reitor que autoriza a abertura de concurso. É publicado um edital num jornal de circulação estadual e dado um prazo mínimo de 20 dias para as inscrições. Depois são realizadas as provas e a banca tem 30 dias para analisá-las e encaminhar o resultado para o Conselho Departamental do Centro que faz a homologação. O último passo é a publicação do resultado no Diário Oficial da União. Depois de nomeado o professor ainda tem um prazo de 30 dias para tomar pos-

se. Já a contratação de um professor substituto é bem menos complicada. O departamento faz a solicitação, a pró-reitoria de ensino analisa a necessidade do departamento e publica um edital num jornal de circulação estadual, com um prazo de um a três dias para as inscrições. A seleção é feita pelo departamento e logo após o resultado o professor é convocado para dar aulas.

Mas neste semestre os professores substitutos também demoraram a chegar. Segundo a pró-reitoria de ensino o problema é que só é possível verificar a necessidade de professores depois do resultado de matrícula. Mas como o intervalo entre um semestre e outro foi muito curto não deu para fazer a contratação antes do início das aulas.

Os departamentos que apresentam o maior número de professores substitutos são o de Ciências Sociais e o de Direito com 7 professores e o de Metodologia de Ensino com 8. São cursos que existiam como faculdades antes da formação da universidade em 1962 e por isso muitos professores já se aposentaram.

Cléia Shmitz



Jornal some e deixa UFSC cabreira



O único exemplar conhecido da primeira edição do primeiro jornal do estado, *O Catharinense*, de 1831, foi roubado do setor de Obras Raras da Biblioteca Central da UFSC há três anos e o fato foi mantido em segredo até agora.

Mesmo se tratando da principal peça da coleção de Obras Raras, a falta do jornal não foi notada pelo público porque os interessados só o viam em microfilme. Com seus 161 anos completados no dia 28 de julho, o original não podia ser manuseado. O papel, fragilizado pelo tempo, se desmancharia com facilidade.

A hipótese de que a ausência do jornal tenha passado despercebida pelos funcionários é negada por Valdares Alves de Oliveira, que trabalha na Biblioteca há sete anos: "o desaparecimento do jornal foi propositadamente ocultado".

Outra funcionária, Marlei Martins, 15 anos de casa, confirma a versão de Valdares.

Ambos afirmam que a então responsável pelo setor, Narcisa de Fátima Amboni, mulher do editor de opinião do *Diário Catarinense*, Laudelino Sardá, sabia do roubo desde o começo. Narcisa, afastada da Biblioteca há um ano para fazer pós-graduação em Administração de Empresas, nega que o roubo tenha acontecido durante a sua gestão.

O certo é que o jornal desapareceu e que tal fato não se tornou público. Até a atual diretora da Biblioteca, Maria Ghizoni, no cargo desde o começo deste ano, surpreendeu-se com a informação e foi pessoalmente constatar sua veracidade.

A sala de Obras Raras fica sempre chaveada e os poucos visitantes - cinco por semana, em média - são acompanhados por um funcionário durante toda a permanência no local.

Imprensa catarinense fica de quatro

Em 1831, quando *O Catharinense* foi fundado, outras províncias já tinham jornais: Rio de Janeiro (desde 1808), Bahia (1811), São Paulo (1817), Minas Gerais (1823), Pernambuco (1825), Rio Grande do Sul (1827) e Goiás (1830). O primeiro jornal do Brasil, *A Gazeta do Rio de Janeiro*, foi fundado para atender aos interesses da família real portuguesa recém-chegada. Muitos historiadores destacam, entretanto, o pioneirismo de Hipólito da Costa, patrono da imprensa nacional, que naqueles tempos de censura já fazia circular nas principais vilas do Brasil o seu *Correio Braziliense*, editado em Londres.

No ano seguinte ao surgimento de *O Catharinense*, foram lançados no Desterro *O Beneficente* e *O Expositor* (também ligado à *Sociedade Patriótica*), que tiveram vida curta. Depois de alguns anos, em 1845, nasceu um novo jornal, *Relator Catarinense*. Daí em diante, novos títulos passaram a ser lançados com maior frequência. Em 1861, o *Argos da Província de Santa Catarina*, jornal conservador fundado cinco anos antes, passou a ser o primeiro diário catarinense.

No norte do Estado, haviam jornais escritos em alemão, como

Kolonie Zeitung (Joinville, 1862) e o *Blumenauer Zeitung* (Blumenau, 1883). No Desterro, *O Abolicionista* foi fundado em 1864 para defender a libertação dos escravos. Com a República, os principais jornais catarinenses da época, *O Conservador* e *Regeneração*, defensores da monarquia, fecharam as portas.

Na virada do século, a capital foi invadida por uma série de publicações classicistas, literárias e humorísticas de curta duração: *O Operário*, *O Estudante*, *O Trovão*, *A Violeta*, *A Idéia*, *O Mosquito*, *O Gato*, *O Dente*, *O Ronco*, *Oh! Ferro!!*. Em 1910, *O Dia* e *A Gazeta Catarinense*, jornais essencialmente partidários, enfrentavam a concorrência da *Folha do Comércio*, "redigida por um jornalista que se há imposto pelo talento e pelas qualidades que o recomendam como um lutador: Crispim Mira".

Quase vinte anos depois, Crispim Mira foi assassinado em sua mesa de trabalho *Folha Nova*. "A história real sobre a vida e a morte de Crispim Mira é matéria rica para investigação", diz o jornalista Moacir Pereira em seu mais recente livro, *Imprensa e Poder - A Comunicação em Santa Catarina*. O autor compara a pouca importância dada ao

episódio com o descaso histórico reservado à chacina dos opositores de Floriano Peixoto, no final do século passado, na Ilha de Anhatomirim.

Em 1915 foi fundado *O Estado*, o mais antigo diário de Santa Catarina ainda em atividade. Em Joinville, surgiu *A Notícia*, um jornal simpatizante da ideologia nazista - na década de 30, eram raras as suas edições que não traziam foto de Hitler. Em 1935, o jornal recebeu um telegrama do ministro da propaganda do Reich, Joseph Goebbels, agradecendo o apoio.

Nos anos 40 e 50, a imprensa catarinense começou a adquirir características mais empresariais, embora os principais jornais estivessem ainda atrelados a partidos políticos. *O Estado*, de Rubens de Arruda Ramos, *O Diário da Tarde*, de Adolfo Konder, e *A Verdade*, de Manoel de Menezes, eram verdadeiros palanques do PSD, UDN e PTB, respectivamente.

Na década de 60, o jornal com maior circulação em Santa Catarina era o *Correio do Povo*, de Porto Alegre. Impressos no litoral, os jornais do Estado tinham dificuldade em chegar ao oeste. A falta de grandes concentrações populacio-

nais e a distância da capital causavam, em certas regiões, forte influência dos estados vizinhos. Estas dificuldades, embora amenizadas, permanecem até hoje.

A imprensa catarinense passou por transformações gráficas e técnicas na década de 70, principalmente com o lançamento do *Jornal de Santa Catarina* em Blumenau. Temendo a concorrência, *O Estado*, de Florianópolis, e *A Notícia*, de Joinville, modernizaram seus equipamentos. Em 1986, foi fundado na capital o *Diário Catarinense*, o primeiro jornal totalmente informatizado do país, que logo alcançou a maior tiragem entre os jornais catarinenses. Esses quatro jornais - *O Estado*, *A Notícia*, *Jornal de Santa Catarina* e *Diário Catarinense* - são atualmente os principais do Estado. Em julho, a Rede Brasil Sul, dona do *Diário Catarinense*, comprou o *Jor-*

Atestados de óbito estão entre as obras raras

A seção de Obras Raras da Biblioteca Central da UFSC foi fundada em 1981. São quase 500 livros, além de jornais, revistas, álbuns ilustrados e documentos, que registram a história de Santa Catarina, especialmente da capital, desde o início do século XVIII.

O acervo, na maior parte doado por famílias tradicionais de Florianópolis, atrai cerca de 20 visitantes por mês, entre historiadores, pesquisadores e escritores. "É uma excelente fonte de informação, com obras de valor inestimável", testemunha o escritor Iponan Soares, diretor-geral da Fundação Catarinense de Cultura.

O movimento só não é maior porque muita gente, mesmo frequentadores assíduos da Biblioteca, ignora a existência da seção. A sala fica numa parte pouco visitada do andar térreo (junto à literatura catarinense) e o acesso às raridades é controlado - os títulos são escolhidos no fichário e as obras, cujo empréstimo é proibido, manuseadas apenas com a autorização de um funcionário.

No setor de Obras Raras, não há trabalho nem de restauração, nem de prevenção. O único cuidado efetivo com a conservação do acervo é a climatização da sala - temperatura entre 18 e 20 graus e umidade relativa do ar constante. Não são usados produtos químicos



O funcionário Valdares acredita que encobriram o sumiço

e, por falta de recursos, apenas os jornais estão microfilmados.

Muitas curiosidades podem ser encontradas entre as Obras Raras, como os atestados de óbitos da capital no fim do século passado e as respectivas *causa-mortis*: "apressado", "danado", "de um dente que tirou", "esborrachado no engenho", "embruxado", "mal feio", "moléstia na cabeça", "porretada", "queixa do peito". Naquele tempo havia quem morresse até de "dor no umbigo".



Ana Carneiro Monteiro - Zero

Cartéis de informação liquidam a democracia

O jornalista argentino Guillermo Piernes diz que imprensa integra o primeiro poder e precisa sustentar a democracia

Entrevista: Jaime Moraes

“**D**evemos exigir dos jornalistas o compromisso com a verdade histórica, com os fatos. Eles têm a obrigação de escrever com a maior integridade possível, sabendo que não são neutros, porque trazem consigo uma carga emocional, histórica e étnica”. O jornalista argentino Guillermo Piernes afirmou isso durante palestra no Centro de Comunicação e Expressão da UFSC. Ele não acredita na imprensa como o quarto poder, uma vez que ela sempre foi parte do primeiro, porque sem informação não há poder que se mantenha.

Para Guillermo, o jornalista deve ter em cada momento a consciência de que a versão da realidade é muitas vezes mais importante que a própria realidade. “Uma palavra dita mal ou uma pergunta mal formulada pode levar milhões de pessoas a pensar e agir equivocadamente”, afirma.

Jornalista há 25 anos, Guillermo Piernes iniciou sua carreira no diário Clarín de Buenos Aires e mais tarde foi correspondente internacional por 15 anos, trabalhando para as agências UPI e Latin-Reuters.

Foi diretor de Informação Pública da Organização dos Estados Americanos, OEA, e desde 1986 é o representante da organização no Brasil. É autor do livro *Comunicação e Desintegração na América Latina* e já passou por mais de 30 universidades do continente fazendo conferências.

A visita de Guillermo faz parte do projeto *Memória Viva do Jornalismo*, promovido pelo Departamento de Comunicação, Curso de Jornalismo da Universidade e pelo Sindicato dos Jornalistas de Santa Catarina. Após a palestra, Guillermo deu esta entrevista onde expõe sua experiência e algumas de suas idéias sobre o universo da comunicação.

Zero — Como você vê a atuação da imprensa brasileira na crise atual?

Guillermo Piernes — A imprensa está fazendo um formidável trabalho que permite debater todos os aspectos da crise, trazendo à tona temas importantes. E esse é um papel fundamental da imprensa. Quando a justiça esmorece, a imprensa não pode esmorecer. Do mesmo modo quando esta comete erros não pode se esconder na imunidade de quarto poder. Deve ser julgada, analisada, deve ter responsabilidade como qualquer outro setor. Mas é necessário que seja democrática. Não podemos ter democracia com cartéis da informação, senão será uma democracia desses grupos. Este é um momento muito rico que obriga os homens a tomarem atitudes e resgatar a justiça, e esta é uma discussão de justiça e não de corrupção.

Zero — Como correspondente internacional você acompanhou de perto o caso Watergate, a guerra das Malvinas e a copa da Espanha? Como foram essas experiências?

G.P. — No caso Watergate eu estava indo à reboque das notícias, transmitindo para América Latina. Era preciso traduzir também o funcionamento dos mecanismos legais. Nas Malvinas fui o chefe da equipe da UPI. Fizemos uma cobertura bem profissional. Demos dois furos. Um na ocasião do ataque aéreo argentino à frota inglesa. Era uma guerra coberta a 2.000 km de distância. Ninguém viu um tiro. Foi uma guerra muito suja onde todos — argentinos e ingleses — mentiram até cansar. Fiz um acordo com um Almirante do alto comando para ter uma fonte, além dos boletins oficiais. Um dia ele ligou dizendo que tinham decolado alguns aviões para uma missão de ataque à frota inglesa. Então fiz um flash: aviões argentinos atacam frota britânica; e mandei para todas as grandes agências do mundo. Todos interromperam as programações para divulgar a notícia. Mas o almirante não me ligava confirmando o resultado. Até que várias horas depois saiu o comunicado oficial informando que tinham afundado o barco inglês.

Algumas semanas depois os ingleses afundaram o cruzador Belgrano, matando 300 marinheiros argentinos. Chega o boletim oficial e fomos confirmar a posição do barco. Vimos que estava fora da área de exclusão que a Grã-Bretanha tinha estabelecido. Pelo acordo de assistência recíproca as ilhas ficavam fora do tratado, mas perto do continente era um ataque contra todos. Aí complicava. Pedimos confirmação, mas os ingleses desmentiam. Somente mais tarde confirmaram. Mas nós demos o furo.

Depois de quatro semanas, quando já tinha emagrecido cinco quilos, o editor-chefe me ligou dizendo que para mim a guerra tinha acabado. Deveria ir para a Espanha cobrir a Copa do Mundo.

No mesmo dia em que cheguei em Sevilha a Seleção Brasileira fez o primeiro treino. Nesse treino Careca, o principal jogador do ataque brasileiro, teve uma distensão. Fiz imediatamente a matéria: Brasil perde Careca, principal artilheiro. Depois pensei: que loucura, ontem estava falando do bombardeio do cruzador e agora estou escrevendo sobre Careca. Aí desliguei o botão, como todos devem fazer nessa profissão: para mim a guerra tinha acabado. Depois soube do fim da guerra pelos jornais.

Zero — Qual a importância das agências internacionais de notícias? E como estão as tentativas de burlar o monopólio dessas agências?

G.P. — As agências de notícias são a Fór-

mula-1 do jornalismo, são os pauteiros do mundo e têm uma importância política que não se pode medir. Elas são a coluna vertebral das televisões, jornais e revistas de todo o mundo. O pauteiro de uma agência atinge um bilhão de pessoas. Mas são muito pouco estudadas. Normalmente são vistas com total desconhecimento e preconceito. O grande negócio das agências é vender notícias e esse mercado é extremamente competitivo. Para as agências é fundamental manter a credibilidade e fazer isto não mentindo, não distorcendo muito a realidade. Logicamente o seu grande mercado é o Primeiro Mundo. Por isso as notícias são as que interessam ao público europeu e norte-americano. Sobre o preconceito eu diria que não devemos colocar a culpa nas agências que não conhecemos.

Quando éramos colônia — e não existiam as agências de notícias — sempre existiram em nossos países minorias a serviço dos piores interesses do mundo.

Na África, na Ásia e na América Latina se fizeram e existem algumas agências tentando ocupar um espaço sob o sol. A Interpress é uma dessas agências, com pessoal bastante competente, mas ocupa uma parcela pouco significativa do mercado: 0,2% das notícias publicadas. É difícil competir nesse mercado de Fórmula-1, porém nós, da América Latina, cometemos graves erros, que não podemos atribuir aos outros. Um desses erros foi a agência Latin-Reuters. A Reuters queria sair da operação das notícias na América Latina e se formou uma cooperativa entre os principais jornais latino-americanos. Essa agência foi competitiva porque partia da tecnologia da Reuters, com uma rede de comunicação e treinamento para o pessoal. Tínhamos que correr na Fórmula-1 e nos tornar grandes correspondentes em seis meses. Nos deram uma MacLaren, nos treinaram e nós competimos muito bem. Foi uma agência que cresceu muito em apenas dois anos. Em 1973, quando as forças armadas derrubaram o presidente Salvador Allende, no Chile, a cobertura da Latin-Reuters foi absolutamente profissional. O jornal El Mercurio, um dos sócios da Latin, nos acusou de ser agentes de Moscou. Já um ano antes o governo do Peru nos tinha acusado de agentes da CIA. Era um sinal de que estávamos trabalhando bem.

Aí começaram as pressões dos sócios: isto não pode, aquilo não é conveniente. Aí fechou. Isso nunca me aconteceu com agências européias ou norte-americanas. Nunca me censuraram, nunca me disseram para manear em algumas notícias ao invés, ao Sul do Equador a manipulação é nojenta, lamentável.

A imprensa brasileira nunca erra. Essa falta de humildade me irrita

Houve outro intento mais tarde, da agência ALA 6 — Agência Latino-Americana de Serviços — que nasceu fantástico. Era Alice no país das maravilhas. ALA 6 tinha no seu estatuto uma obra de arte. Diz: esta agência não será competitiva com as outras agências internacionais. Assim não dá. Se é Fórmula-1, precisa entrar para ganhar.

A EBN também cresceu bastante no período que começou um acordo internacional

com agência argentina Telam. Mas na América Latina nós misturamos governo e Estado. Assim, quando há crise política nos países com agências estatais, você pode desligar o rádio e a TV, porque jamais vão noticiar alguma denúncia, se houve cheque-fantasma, etc., porque a agência se coloca imediatamente ao lado do governo. A agência France Press é do Estado, mas quando há crise no governo francês ela denuncia. É a única maneira de manter a credibilidade. O mesmo acontece com agências estatais da Europa, porque o negócio principal dessas agências não é defender o governo, é vender notícias e manter uma influência política e econômica considerável. Com esse exemplo da ALA 6 volto a insistir no compromisso com a realidade. ALA 6 é uma agência irreal. Fizemos esta agência porque queremos espaço, então vamos competir, criando um grupo competente, com apoio técnico e econômico. Existem bons profissionais na América Latina, mas não conseguimos formar uma boa agência de notícias por falta de seriedade empresarial, pela nossa incompetência e nossa grande porcentagem de corruptibilidade.

Zero — Então não existe censura nas agências internacionais?

G.P. — Censura mesmo, eu nunca sofri. O que existe é a censura do espaço, devido à enorme quantidade de informações disponíveis. E os critérios de escolha são as notícias que interessam ao público receptor. Posso dizer que não há censura, até porque o comércio das notícias é um grande negócio, e as agências devem manter a credibilidade para não perder clientes. Os profissionais são geralmente pessoas muito experientes e quando algum correspondente começa a manipular logo os outros percebem. Uma vez, por exemplo, um editor quis manipular certas notícias minhas. Eu pedi para me dar por escrito que estava me censurando. em 24 horas o editor caiu.

As agências possuem a virtude de não esconderem os erros. A Veja e a Folha de São Paulo às vezes não erram. Essa petulância e falta de humildade me irrita muito. As agências erram e assumem. Por isso tem credibilidade. Alguns cancelam o serviço, outros enviam protestos. Mas faz parte do jogo.

Essa atitude da imprensa brasileira e latino-americana de deixar por isso mesmo fere a credibilidade. Pode errar, mas tem que confessar a responsabilidade. E não confessar é irresponsabilidade.

Zero — E sobre a política de desintegração promovida pelos Estados Unidos na América Latina?

G.P. — O nosso problema básico, fundamental, é a identidade cultural. Por exemplo o Japão e a Alemanha, depois da Segunda Guerra, montaram seus esquemas de produção baseados no respeito às suas características culturais. As empresas japonesas tiveram o primeiro compromisso de não demitir ninguém porque para eles o trabalho é sagrado, é uma dívida de Deus. Aqui, quando uma empresa tem 10% de queda nas vendas demite logo 200 funcionários. O Japão não faz isso, e eles se sentem confortáveis dentro do modelo. Os alemães também não renunciaram à sua identidade. São mais alemães do que nunca. Nós, da América Latina, com apenas 500 anos de história, já estamos descaracterizados, não sabemos quem somos. Para reverter essa situação temos que assumir nossa identidade. Não somos mais negros, índios, italianos, alemães, espanhóis, franceses ou portugueses. Somos essa mistura que ficou, com línguas latinas que nós desprezamos. Cada dia é mais chique falar em inglês.

Nossa população está cantarolando em inglês temas do pós-industrialismo quando na nossa América Latina temos grandes redutos de feudalismo, quando o socialismo nasceu e morreu sem que muita gente tomasse conhecimento e para uma grande maioria democracia significa ganhar um prato de feijoadá em troca do voto. Então temos que admitir essa descaracterização e encontrar as soluções aqui e agora. Não temos saída, não podemos ir todos para Miami, nem tampouco voltar para a Europa.

Zero — Qual o papel dos meios de comunicação nesse processo de integração e busca de identidade da América Latina? E o que tem sido feito buscando a democratização desses meios?

O nosso problema básico é a identidade cultural. Não sabemos quem somos

Em 1973, A Unesco promoveu uma campanha mundial em prol de uma nova Ordem Informativa. O informe Mac Brian — elaborado por intelectuais e comunicadores — é uma maravilha do ponto de vista teórico. Esse informe motivou a saída dos EUA e da Grã-Bretanha da Unesco, que depois foi renegociada. Então a Unesco deixou para ser discutido em momentos mais favoráveis, talvez daqui a 500 anos.

Na América Latina — e é outra triste constatação — os que mais lutaram por uma nova ordem informativa foram os regimes autoritários. Quando chegou a democracia, não se falou mais no assunto. Talvez seja porque nas nossas frágeis democracias os governos chegam ao poder sem partidos, sem meios de comunicação. Então tem que se apoiar nas mesmas forças que apoiaram outros. Aqui, como em outros lugares do mundo, existem os presidentes; mas existem também os que indicam os presidentes que quase sempre tem mais poder. Mas a democracia não é a solução, é a ferramenta que nos permite avançar na realidade. e já se avançou muito. Este é um momento muito rico para iniciar mudanças.

Zero — E sobre a decisão da Suprema Corte Americana autorizando o seqüestro de pessoas em qualquer lugar do mundo para serem julgadas nos Estados Unidos. A O.E.A. fez alguma coisa?

G.I. — A comissão da O.E.A. encarregada dos assuntos jurídicos fez uma nota de condenação. Foi aprovada por todos, menos um, o representante americano. Até causou-nos muita surpresa essa decisão da Suprema Corte, era difícil acreditar. Porque essa decisão fere todos os princípios e normas do direito internacional, atinge a soberania dos Estados. É voltar ao império romano, quando Roma ditava as regras para o mundo.

Mas eu penso que o problema é o fato dos Estados Unidos não terem uma política externa. Eles têm uma política interna e querem aplicá-la a todo o mundo. Então questões regionais, internas, acabam virando internacionais. Bush precisava recuperar a credibilidade especialmente em um ano eleitoral. Depois era mais fácil justificar o seu fracasso no combate ao tráfico de entorpecentes jogando a culpa nos criminosos da América do Sul. E essa decisão da Suprema Corte foi aplaudida pelos americanos. Mas realmente é uma decisão inaceitável.

UFSC expulsa automóveis para "humanizar o campus"

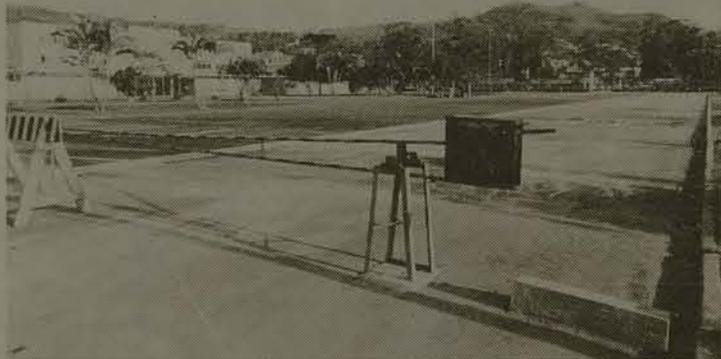
Arquitetura quer povoar a praça deserta

Um mês depois do fechamento ao trânsito das vias do centro do campus, em 31 de agosto, a maior parte da comunidade universitária não sabe ao certo porque as ruas foram fechadas, nem tem idéia do que poderá acontecer com o desdobramento dos projetos de humanização que estão sendo preparados, um pela Reitoria e outro por um grupo de trabalho do curso de Arquitetura. As vias do campus davam acesso aos bairros da Trindade, Pantanal e Saco dos Limões.

Segundo o professor Luiz Verani, diretor do Departamento de Ação Comunitária e responsável pela implantação das alterações, o objetivo principal desta primeira modificação no campus é, além de aumentar a segurança, dar prioridade ao pedestre, evitando o trânsito dentro da UFSC.

Verani defende um processo educativo de forma que as modificações venham a repercutir no cidadão e na cidade. Garante que a palavra final será da comunidade. Com isso, não concorda o Pró-Reitor de Administração Mário Bittencourt: para ele, as modificações são uma decisão administrativa e, por isso mesmo, irreversíveis.

Proposta da Arquitetura — Um grupo de cinco professores e três acadêmicos do curso de Arquitetura e Ur-



Do outro lado da cancela, espaço vazio

banismo trabalha também em uma proposta de reestruturação do espaço físico do campus. A proposta da Arquitetura visa, além de organizar e direcionar o crescimento da UFSC, "favorecer o surgimento de uma estrutura administrativa afeita às questões de planejamento físico-espacial".

Segundo o professor Nelson Saraiwa, na prática isso significa que se deve dar vida ao espaço criado em frente ao prédio da Reitoria. É necessário transformar essa esplanada em praça, local no qual ocorrem diversas atividades durante o dia.

Ao contrário do projeto da Reitoria, que admite até retirar inteiramente os ônibus do campus, a Arquitetura pensa em colocar terminais nas rótulas que foram fechadas, de modo a criar um fluxo de pessoas na praça em direção aos centros. Para que isto funcione, será necessário

criar também uma rede de vias que liguem a praça central a cada um dos centros e departamentos.

Do projeto da Arquitetura consta um grande espaço coberto, na praça central, que serviria para abrigar shows, palestras, encontros, formaturas e outros eventos. Saraiva lembra que, nas décadas de 40 e 50, os campi universitários foram afastados do centro das cidades por motivos políticos: os estudantes estavam muito próximos de todas as manifestações que ocorriam.

O projeto objetiva também reforçar o papel da Universidade como elemento organizador do contorno urbano dos bairros vizinhos. Para isso, as vias eventualmente fechadas na UFSC não deveriam causar prejuízo à integração entre o campus e a cidade.

que modificações desta monta na estrutura física da UFSC deveriam ser precedidas de ampla consulta à comunidade universitária".

Para Oscar Rover, estudante de Agronomia e membro da atual gestão do DCE, as modificações parecem boas. Critica apenas o trajeto dos ônibus e a falta de cobertura de certos pontos.

Já a servidora Dircéia Pacheco, do CED, acha que foi um absurdo tran-

car tudo. Preferia que as vias fossem abertas, pelo menos nos finais de semana. Reclama do movimento que tem que enfrentar ao ter que dar a volta, de carro, pela Eletrosul, e considera também que a UFSC ficou mais deserta à noite. Sugere a colocação de lombadas para resolver os problemas relacionados a alta velocidade dentro do campus, até mesmo na rua Delfino Conti, que fica entre o CTC e o CCS.

Comunidade pega de surpresa

Para a maior parte da comunidade universitária, o fechamento das vias do campus foi uma surpresa. Também é grande o desconhecimento em relação aos projetos, da Reitoria ou da Arquitetura, de restauração do campus. Em relação aos resultados de fechamento das vias há, porém, opiniões bastante divergentes.

A Apufsc, em seu boletim 45, divulgou nota onde diz que as medidas humanizaram a Universidade, mas

Um erro de RP

Boa ou má, a mudança no trânsito no campus da UFSC foi um erro, afirmam os manuais de Administração e Relações Públicas. Segundo os autores desses livros, jamais se tomam medidas que afetam a vida das pessoas sem antes ouvi-las e sem esclarecer, ponto por ponto, a natureza das mudanças.

O que aconteceu é que, ao chegar pela manhã, alunos e professores descobriram que seu espaço havia sido alterado de madrugada — e ninguém gosta de ter esse tipo de surpresa. Não é com uma notinha no Jornal Universitário, nem com breves reportagens em emissoras que pouca gente vê que um problema desses se resolve: é preciso distribuir volantes, explicar, convencer, agir como líder e não como chefe.

O dia em que a Universidade aprender a ser assim, dará um passo importante para que seus alunos também aprendam, levando essa atitude para a vida civil. Nos relatos históricos, fala-se de grandes conflitos por culpa de autoridades que não mediram os limites entre seu poder e o direito alheio — embora, às vezes, com a melhor das intenções e cheias de bons motivos.

Bairros reclamam

A mudança no trajeto dos ônibus, dentro e fora da UFSC, trouxe alguns problemas para os usuários. De acordo com o gerente do Núcleo de Transportes da Prefeitura Municipal, João Savas Vieira de Souza, há diversas reclamações: por isso ele enviou um ofício ao Reitor, solicitando novas modificações para resolver os problemas criados. Como não foi atendido, o assunto será tratado diretamente pelo prefeito Bulcão Vianna, que irá conversar com o Reitor.

A comunidade do Pantanal deixou de ser atendida no trecho entre a Rotisseria Dona Benta e a Eletrosul. Segundo Roger do Nascimento Silva, gerente de tráfego na Transol, este problema deverá ser solucionado com a extensão da linha Trindade: até a Eletrosul. Considera em geral, boas as mudanças no trânsito da UFSC.

Mas esta opinião não é compartilhada por João Domingos Ferreira, da Limoense. Ele se diz insatisfeito com as mudanças, e assegura que a única forma de resolver os problemas seria abrir novamente as vias no centro da UFSC.

Textos:
Silvio da Costa Pereira

Não se pode mais zerar no vestibular da UFSC

O concurso teve 654 inscritos a menos que em 92

O vestibular de 1993, da Universidade Federal de Santa Catarina, terá menos candidatos que o ano passado. O número de inscritos foi de 17.008, 654 a menos que 92. Terá ainda mudanças, como a exigência de um acerto por disciplina. Com excessão da prova de desenho, onde basta o candidato marcar presença.

Outra mudança é quanto a prova de OSPB. Ela será incluída nas disciplinas de História e Geografia, que tinham 10 questões antes e agora passaram a ter 15. O presidente Ivo Zimmermann, da Coperve (Comissão Permanente do Vestibular), explicou que esta modificação vai facilitar as bancas na hora da correção. As disciplinas consideradas indispensáveis, pelo Colegiado do curso escolhido, terão peso três enquanto as demais peso um. A disciplina de Línguas Estrangeiras (Alemão, Espanhol, Francês, Inglês e Italiano) terão como base de cálculo uma única

média e desvio padrão, para aplicação da fórmula dos escores padronizados. Todas as Línguas terão o mesmo peso, independente do grau de dificuldade. Ivo Zimmermann afirmou, "A cada ano melhora mais para o aluno. Ficava difícil explicar para uma mãe porque seu filho que acertou 57 questões não passou, quando o último classificado acertou 55. É que antes cada prova tinha um peso, dependendo do grau de dificuldade".

O presidente da Coperve não acha que o aumento da taxa de inscrição tenha sido muito. Em 92, custou Cr\$ 15.000,00 e este ano Cr\$ 130.000,00. Ele afirma que se a inscrição tivesse sido corrigida pela poupança custaria Cr\$ 166.750,00, e se fosse corrigida pelo salário mínimo seria de Cr\$ 184.600,00.

Os candidatos deverão retirar o cartão de inscrição de 09 a 13 de novembro. Os que não retirarem neste período terão que pagar novamente a taxa de inscrição. No dia 30 de dezembro será publicada a relação candidato/vaga. A divulgação do local das provas será feita dia 06 de janeiro, pela imprensa.

Cristiane Miranda

Crise aumenta procura às Bolsas de Trabalho

A crise do governo Collor deixou sua marca na Universidade Federal de Santa Catarina. Só no primeiro semestre deste ano, o número de estudantes que procurou o programa de bolsas de trabalho superou, em 92, o número do ano passado. Até julho, 970 alunos se inscreveram para as 470 vagas existentes.

Alunos que conseguem bolsa dificilmente a abandonam, com isso, a fila de espera cresce cada vez mais. A Pró-Reitoria de Assuntos da Comunidade está estudando

formas de aumentar o número de vagas. A maior dificuldade encontrada é a pouca verba destinada pela universidade ao programa.

São oferecidos dois tipos de bolsas. Na bolsa interna, o aluno trabalha na Universidade 16 horas por semana e recebe 75% do salário mínimo. Na externa, o salário e o horário de trabalho dependem do contrato entre o aluno e a empresa que o financiará.

Fernanda Dias



Futebol de cegos anima torcida

Terapia ajuda deficientes a se orientar melhor

O torcedor grita, tentando ajudar: "Vamos Valter, vá mais para o meio da quadra!" Enquanto isso, dois jogadores da mesma equipe disputam uma jogada. Desfeito o equívoco, um deles chuta... desta vez não acerta na bola.

Estas cenas fizeram parte do torneio de futebol de salão para cegos, disputado dias 13 e 14 de junho, no ginásio de esportes Saul de Oliveira, em Capoeiras. Porto Alegre venceu o triangular, que teve representantes de Florianópolis e Criciúma. O torneio preparou as equipes para a 8ª Copa Brasileira de Futebol de Salão de cegos, realizada entre 18 e 26 de julho em Vitória, no Espírito Santo. A equipe da capital ficou em 4º lugar.

Florianópolis participou com a equipe da Associação Catarinense de Integração ao Cego (ACIC), a única da capital. A idade dos jogadores varia entre 20 e 40 anos. Eles treinam juntos, desde maio do ano passado, sob a responsabilidade do técnico Luciano Lenzi, estudante do curso de

Educação Física, na Universidade Federal de Santa Catarina. A capital fica sempre entre os 10 primeiros colocados nos campeonatos nacionais. O melhor time do Brasil atualmente é o do Paraná.

Tarjas e silêncio — As regras do jogo são praticamente as mesmas do futebol tradicional. O jogador, porém, não pode fazer um gol de dentro da pequena área, porque a proximidade com o goleiro pode causar um acidente grave. O goleiro pode ter até 30% de visão. Os outros jogadores são obrigados a usar uma tarja nos olhos porque não é permitido ver. Como alguns atletas são totalmente cegos e outros enxergam um pouco, o uso da tarja faz com que ninguém leve vantagem sobre os restantes.

Há também algumas particularidades que ajudam a comunicação, principalmente o som. Duas conchas de ferro ficam unidas dentro da bola. No interior das conchas são colocados vários pedaços do mesmo material. Ao rolar, a bola faz barulho e os jogadores conseguem localizá-la. Às vezes, a torcida grita muito e o narrador intervém: "silêncio, silêncio, o silêncio é muito importante!" O narrador é quem explica o jogo para a platéia já que muitos torce-



dores também são cegos.

Os próprios jogadores se comunicam o tempo todo. Eles gritam, seus nomes, indicam onde estão. Para que compreendam melhor o que está acontecendo, além do apito, o juiz grita quando é gol, falta, impedimento e dá

outras indicações.

A diferença entre os jogadores iniciantes e os experientes é marcante. Os iniciados se movimentam com confiança e têm mais iniciativa na quadra. Os iniciantes se comportam como alguém que não é cego e tem seus olhos

vendados: ficam com a sensação de que vão bater em um obstáculo a qualquer momento. Para evitar um atrito corpo-a-corpo muito forte, os jogadores colocam o braço à frente, como se estivessem eternamente vendo as horas.

Os atletas têm noção de espaço. Ninguém corre fora dos limites da quadra, não fazem gol contra. Eles sabem exatamente a posição que ocupam e a posição dos outros. Por isso conseguem passar a bola. Mas precisam da ajuda dos bandeirinhas para bater lateral, escanteio, falta, formar barreira e, quando são substituídos, até o local por onde devem sair.

"Com o futebol eu aprendi a ter mais segurança ao caminhar só. Ele também fez com que eu me integrasse mais aos outros", diz entusiasmado Silvério Moraes, um dos jogadores. O estudante de Ciências Sociais da UFSC, Eduardo Gonçalves, que estuda os cegos, completa: "Quem pensa que o meio em que o cego vive é triste, se engana. O ambiente é muito alegre, a solidariedade é muito grande. E o futebol é uma das coisas que os integra e ameniza seu sofrimento".

Claudine Nunes

Quinze anos: luva preta, bolinhas azuis

Quem não for perua que atire logo a primeira pluma

— Por que você vai debutar?

— Ah! É um sonho meu desde criança.

— E você?

— Não sei. A gente tem que ser apresentada para a sociedade, né?

O debut é a concretização dos sonhos de infância, a vontade de aparecer aos olhos do mundo, de usar um vestido bonito e tantas outras razões, que só fazem sentido nessas cabecinhas.

As meninas, na maioria, digamos, engraçadinhas, vêm-se envolvidas no ritual que é o baile de debutantes. A ansiedade cresce com toda a preparação que se faz para o baile: coquetéis, passeios, chá na casa das madrinhas e festas oferecidas pelos clubes. Há quem diga que depois de tanto festejar, algumas garotas não conseguem mais entrar no vestido. Como é dura a vida de debutante!

Nem tudo é festa. As meninas têm que ficar horas provando o vestido, andar quilômetros a procura de roupas (uma para cada coquetel) e ensaiar exaustivamente cada passo que darão no baile. Nessa noite, que os apresentadores costumam chamar de "mágica", choram e podem chegar a ponto de desmaiar. Isso acontece sempre e é sempre muito emocionante.

Os bailes geralmente são realizados nos meses de setembro e outubro e algumas meninas debutam mais de uma vez, em cidades diferentes, apresentadas a todas as sociedades ao seu alcance.



Papai dá a mão à donzela na saída do castelo

Ainda mais deslumbradas que as meninas ficam as mães. Enfeitam-se até a exaustão: afinal vão brilhar junto com as filhas. Algumas são as principais responsáveis pelo desejo de glória adolescente das "meninas-moças". É através delas que se realizam.

Os pais têm atitudes diferentes. Muitos nem sabem a data do baile, só o preço do vestido está na memória e no canhoto do talão de cheques. Um vestido de baile custa em torno de Cr\$ 1,5 milhão e os trajés para os coquetéis meio milhão cada. O dinheiro gasto nesses bailes define a classe a que

pertencem: são, na maioria das vezes, filhas de profissionais liberais e empresários. O Gávea Tênis Clube de Jacinto Machado tem a honra de apresentar as debutantes de 1992...

Algumas mulheres passaram semanas preparando a roupa para a festa e ficaram horas no cabeleireiro esperando serem a segunda atração da noite. Enquanto o baile não começa, essas mulheres fazem seu próprio desfile entre as mesas. Uma morena com um vestido preto e babados coloridos: um rosa, um verde e um azul. Outra, morena, com luva de renda negra e bolinhas azuis. A loura de rosa com um véu cobrindo o vestido — talvez queira parecer a fada do castelo de onde saíam as debutantes.

A primeira debutante é...

Com certo alívio, ela desce a escada. Tem a dificuldade de quem, acostumado aos tênis, está usando salto alto. O vestido cobre os pés, os degraus são pequenos e é impossível saber onde está pisando. Para sua sorte, seu pai a pega pela mão. Está salva, diz no seu sorriso. Os cumprimentos e desfiles ensaiados acontecem e chega a hora das valsas.

A primeira delas é com os pais e a segunda com os padrinhos. Chega então a vez dos pares. Com exceção das debutantes, eles são os mais nervosos do baile. Garotos, talvez pretendentes ou pretendidos, que se escolheu a dedo e que não puderam recusar. As pernas, antes mexendo o tempo todo embaixo das mesas, agora endurecem, atrapalhando a dança.

Depois das valsas, a pista é de todos. Junto com os jovens, entram os copos e cigarros, ameaçando com fogo os gigantes vestidos. As regras de etiqueta vão se desfazendo até o fim da noite, quase dia, quando as debutantes serão as últimas a sair.

Giancarlo Proença

O dia-a-dia da luta de classe

Empresas fazem trabalhadores se humilhar

“**V**ou organizar milícia para matar os dirigentes sindicais”, disse aos gritos o comerciante Mazir Buratto, com um facão de mais de 50 centímetros de lâmina em punho. Ele escorraçava de sua loja dois sindicalistas, que tentavam distribuir aos funcionários o boletim informativo da Fecesc (Federação dos Trabalhadores no Comércio do Estado de Santa Catarina). A firma do Sr. Mazir, Comercial Eletro Buratto, tem entre 15 e 20 funcionários.

Essa história aconteceu em novembro do ano passado e o comerciante responde a processo na justiça pela recepção aos dirigentes Francisco Alano, presidente da Fecesc, e Ivânio Alves da Luz, do Sindicato dos Empregados em Edifícios. Mas, os seus empregados, e muitos outros, continuam em seus cantos, calados, suportando a opressão no emprego porque é preciso trabalhar para sobreviver.

A criatividade dos empregadores é aguçada pelo medo das ações trabalhistas. Segundo Francisco Alano, “tem empregado que entra no emprego e já assina o aviso prévio; a gente só descobre quando ele entra na justiça. Alguns chegam até a assinar papéis em branco”. Em muitos casos, na ânsia de conseguir o emprego, o candidato aceita, sem discutir, todas as condições. Outro problema muito comum é a desobediência ao piso salarial. No interior chega-se a não pagar sequer o salário mínimo.

Caso crítico é o das confecções e lojas de peças íntimas. As funcionárias são frequentemente revistadas ao sair destes estabelecimentos, em situações geralmente constrangedoras. Francisco Alano conta que, há algum tempo, a loja A Barateira fazia revistas por sorteio, “igual à Alfândega do aeroporto”. E quem fazia as revistas, segundo soube a Federação, era o filho do proprietário da loja. A presidente do sindicato dos Comerciantes, Mariazinha Campanhe, afirma desconhe-

cer este incidente. O problema é que dificilmente alguém denuncia. Em geral, as pessoas têm medo e preferem esquecer.

O Caso De Millus — Há três anos, aconteceu um caso raro no Rio de Janeiro. A fábrica de roupas íntimas De Millus foi condenada a pagar uma multa de 17 milhões (além de encargos e honorários) por ter demitido 250 operárias. Elas estavam em greve contra a prática de revistas íntimas que eram realizadas diariamente na empresa.

O juiz Sérgio Verani fundamentou a sua sentença em vários artigos da Constituição e citou pensadores políticos,

um pouco de paciência para esperar resolvem o caso. Mas para as questões de violação dos direitos humanos, a justiça é menos certa.

Não existe penalidade expressa na lei do país para este tipo de abuso com o empregado, segundo o advogado trabalhista Prudente José Silveira Mello. “Não há dentro da lei nada que resguarde este procedimento da empresa, mas também o que não é explicitado na lei não pode ser entendido como permitido”.

Permitido ou não, fato é que as revistas são prática relativamente comuns nas empresas brasileiras. A juíza corregedora do Tribunal Regional do Trabalho, Dra. Jília

Quando ao número de processos que a justiça do trabalho recebe, a Juíza Corregedora do Tribunal acredita ser “um reflexo direto da crise”.

Em seus 24 anos de Justiça do Trabalho, ela constatou que em momentos de crise aumenta o número de processos. Até junho deste ano,

26.292 processos já tinham dado entrada nas 29 juntas do estado. A média mensal deste período é de 4.382. Apenas três juntas arcavam com o trabalho de toda a grande Florianópolis até o mês passado. A partir deste mês já estão funcionando as recém-criadas duas juntas de São José, dividindo melhor os pro-

amigo seu, que há quinze anos ficou preso debaixo da escada nas Lojas Americanas de Curitiba, acusado de furto de alguma coisa que não lembra mais o quê. Um tipo de cárcere privado proibido pela Constituição. Mas as Lojas Americanas são um capítulo à parte.

Conseqüências Psicológicas — Como será que se sentem os empregados tendo que ver e, no caso dos seguranças, praticar, este tipo de policiamento repressivo? Se isso é feito com os clientes, o que será que acontece com os funcionários? A psicóloga Loise Lhullier, supervisora de estágio de psicologia organizacional da UFSC, faz uma análise deste quadro.

“As pessoas que trabalham neste tipo de coisa já têm uma história de opressão. O que acontece na situação de trabalho é uma clareza, explicitação de uma coisa que já existia e era implícita”, explica ela. No entanto, “este tipo de pessoa pode adoecer, do ponto de vista psicológico”, complementa a psicóloga.

A Opressão na Classe Bancária — Durante a greve de setembro de 91 (mês do dissídio da categoria), entre os dias 11 e 13, houve um piquete do sindicato na porta do Banco América do Sul, em Florianópolis. Alguns funcionários estavam trabalhando no momento e o gerente administrativo (na época, Nilson Luiz Prado), temendo a ação do sindicato, convidou os funcionários a entrarem no cofre, deixando a porta aberta. Os sindicalistas descobriram e fizeram uma reunião dentro do próprio cofre para então convencê-los a sair.

O presidente do sindicato dos bancários, Vânio dos Santos, conta, que não só neste caso os bancos particulares costumam pressionar os funcionários marcando churrascos para o mesmo dia das assembleias de deflagração de greve, buscando os funcionários em casa e até ligando para pressionar a família do empregado. “Tem gente que chora quando o sindicato chega. Fica no dilema de sair e perder o emprego e não sair e ver o companheiro lá fora”, coloca Vânio.

Quando ao abuso a que se expõe a mulher bancária, cita-se, como exemplo, o caso da ex-funcionária do Bame-



poetas e até filósofos para denunciar essa prática como opressora e exploradora, atingindo brutalmente a mulher. O Sr. Manela (presidente da empresa) afirmou, na época, que continuaria com as revistas, não se importando muito com a multa. Nunca mais se ouviu falar em greve de operárias da De Millus.

Análises Jurídicas — Para quem vê de fora, este quadro pode parecer muito estranho. Se existem tantas injustiças e maus tratos nestas empresas, por que não levá-las à justiça? (A De Millus foi uma exceção). Quando o problema é salarial, ainda há solução. Uma boa ação trabalhista e

Mercedes Cury Figueredo, ressalva que os “empregados quando entram nas empresas, sabem que podem ser submetidos a fiscalizações”. Segundo ela, “É um direito que a empresa tem. Eles têm que exercer fiscalização, isso é normal, é da organização da própria empresa”.

cessos. Mesmo assim, hoje, a segunda audiência de um processo na 3ª Junta de Florianópolis só está sendo marcada para meados de 1994. Já foram sancionadas mais três juntas para a capital, mas a implantação só está prevista para 1993.

“Para o empregador vale a pena descumprir as leis trabalhistas. Ele paga, quando perde a ação, o que já tinha que ter pago, com acréscimo de apenas 1% ao mês, mais correção monetária”, reitera Prudente José Silveira Mello. A lembrança mais antiga do advogado (que há dez anos lida com causas trabalhistas) sobre abuso de poder, foi de um

Associados do patrão

rindus Vânia Pereira Soares, publicado na **Folha Sindical** (dos bancários de Florianópolis) em março de 1989. Vânia foi demitida por não se dobrar às cantadas do chefe, Sr. Joel Albino. "Por último, ele tentou me beijar à força e eu o repeli", diz o depoimento da bancária ao jornal.

A Fiscalização da DRT — Atualmente a Delegacia Regional do Trabalho conta com 22 fiscais para atender a toda a grande Florianópolis. Destes, apenas 15 ou 16, dependendo do dia, estão realmente nas ruas. Os outros realizam trabalhos internos.

Segundo Ricardo Backes Navarro Stotz, supervisor II do setor de fiscalização da DRT, seriam necessários de 60 a 80 fiscais nesta área para cumprir os prazos entre a denúncia e a visita do fiscal à empresa. "Não dá para cumprir o prazo de oito dias", argumenta.

Para agravar mais este quadro, agora compete também à Delegacia a fiscalização do FGTS. No estado inteiro, são apenas 52 fiscais.

"Não é uma coisa muito comum, mas acontece", a agressão do fiscal pelo dono da empresa autuada, diz Ricardo Backes. Recentemente um fiscal esteve na Phono Marketing na Av. Mauro Ramos, atendendo a uma série de denúncias de funcionários que reclamavam não estarem recebendo corretamente seus benefícios. O fiscal constatou que a firma não tinha nenhuma documentação dos funcionários no local. Foi dado um prazo, como de praxe (de dois a oito dias, a critério do fiscal), para a apresentação destes documentos.

Segundo Ricardo, o dono da empresa insinuou algum tipo de suborno ao fiscal, que se retirou imediatamente. Findo o prazo, este fiscal e mais um voltaram à firma para ver os documentos. Um foi até a sala onde trabalham os teleoperadores, o outro foi ao encontro do dono, que tentou asfixiá-lo dizendo algo como "Vou te matar, vou te matar". O outro fiscal, ouvindo a gritaria, foi ao encontro de seu amigo, flagrando a cena. Os dois voltaram à DRT e comunicaram o fato à polícia. Dois agentes da PF foram com mais fiscais até o local e autuaram a empresa. O dono, além de ter que pagar a multa, responde processo por agressão.

Joana Nin

O menor deslize custa o título deste clube

Era véspera de Páscoa. Mal havia iniciado o meu expediente naquela tarde, nas Lojas Americanas de Florianópolis, entra na sala uma senhora com uma nota de Cr\$ 100,00 rasgada nas mãos, perguntando pela gerente. Informo-lhe que sou sua secretária e que o problema poderia ser resolvido comigo mesmo. A senhora expõe sua indignação, explicando que a nota, apesar de rasgada, ainda tinha validade, porque o número de série ainda estava inteiro.

A reclamação era porque a caixa não aceitou a tal nota e mandou a cliente procurar a gerente. Digo-lhe que tem razão, que providências serão tomadas e que não acontecerão mais casos como este. Estou pedindo desculpas em nome da loja quando uma subgerente entra e presencia a cena. Quinze minutos depois, sou chamada para assinar como testemunha a carta de demissão da funcionária. Por justa causa. Me espantei com a rapidez do processo e, como explicação, a gerente operacional de Florianópolis me disse: "Só demora porque temos que ligar para a sede". Disse então que não julgava de minha competência assinar o documento, mas que se me obrigassem eu assinaria. A gerente geral me disse que não obrigaria ninguém a fazer nada, mas que era bom eu me acostumar porque eles trabalhavam assim.

Outro dia, um segurança com quase um ano de casa foi também dispensado por justa causa. Desta vez, a acusação que motivou a demissão partiu de uma representante de em-



Ana Carine Monteiro - Zero

Com os clientes, simpatia. Com a empresa, o sabor amargo de demissões sumárias e "revistas"

presa de lingerie. Ela acusava o homem de ter "caído de propósito" e de ter tentado olhar de baixo de sua saia. Sem discutir, nem ouvir o segurança, resolveu-se o problema dispensando, mais uma vez por justa causa, os seus serviços. No dia seguinte, o ex-funcionário apareceu pela loja chorando e foi até a gerência ainda aos prantos. A gerente geral lhe disse para ficar calmo e arranjar outro emprego. Mesmo com ele tentando se explicar, ela insistia: "Da próxima vez o senhor pense melhor antes de tomar estas atitudes". No outro dia quem veio foi a irmã dele, indignada; fez um escândalo dizendo que ia processar a loja porque eles "não podiam fazer isso com um inocente". Ela estava ali para reivindicar os direitos trabalhistas. Alegou também que o rapaz é "um homem de respeito, com uma filha mongolóide e jamais faria isso". Um silêncio dominou a sala. Nunca fiquei sabendo o que aconteceu depois.

Quase todos os dias aconte-

ciam ou se contavam coisas estranhas naquela gerência. Casos, como por exemplo, o de uma caixa recém-contratada que rascunhava contas de troco e foi surpreendida com gritos de uma gerente: "Ei menina, o que você está fazendo? Você não sabe que não pode fazer contas no caixa? Tá querendo roubar, é?"

Muitas normas fazem parte da rotina da loja. Não se pode andar pela loja fora do horário de expediente (para comprar só no horário certo e com um fiscal junto); não é permitida a entrada pela porta da frente; todos os pertences, principalmente dinheiro, devem ser deixados no "guarda volumes de associados"; a permanência do funcionário em seu vestiário deve restringir-se ao tempo necessário para troca de roupa; nenhum objeto (exceto os de uso incontestável devidamente marcados com um controle) pode ficar em seu armário pessoal, nem mesmo lanche para o horário de intervalo.

"A gente não sabe mais o

que é proibido, só sabe o que pode, que é trabalhar", lamentava uma funcionária ao comentar as regras.

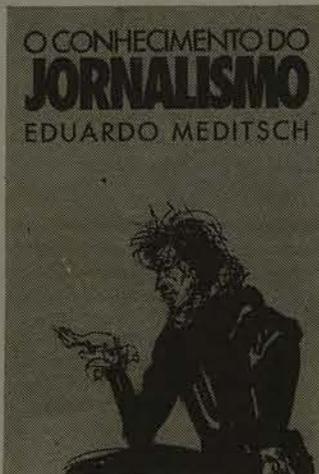
Até que nível se pode dominar a vida de outra pessoa, baseado na relação patrão-empregado? Chamar de associado o empregado, como fazem as Lojas Americanas, é uma forma de levá-las a pensar que ele e seu superior são iguais, que todos fazem parte do mesmo conjunto e tem os mesmos direitos e deveres. Mas, no manual que é entregue aos funcionários no ato de admissão (com o título "Faltava Você"), consta, no capítulo "Seus Deveres" a seguinte cláusula: "A revista de bolsas e embrulhos é diária e deve ser encarada com naturalidade já que é igual para todos os associados, independente do cargo". Na prática, é claro que a revista não é para todos. Eu, por exemplo, secretária da gerência, nunca fui revista.

Textos:
Joana Nin

Teoria e prática em discussão

O Conhecimento do Jornalismo é o título do livro que o professor Eduardo Meditsch, do Curso de Jornalismo da UFSC, lançou dia 19 de outubro, no Emporium Café. O livro trata de assuntos em debate nas escolas de comunicação de toda a América Latina, como os desentendimentos existentes entre a teoria e a prática no ensino da comunicação.

"O livro reforça a linha que vem afirmando o nosso curso nacionalmente. Fomos uma das primeiras escolas do país a romper com a idéia de uma



teoria geral para o estudo do Jornalismo", diz Eduardo Meditsch. Formado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, fez mestrado em Ciências da Comunicação na Universidade de São Paulo e possui experiência profissional nas áreas de rádiojornalismo e televisão. Já recebeu vários prêmios, entre eles o Vladimir Herzog, na categoria de grande reportagem em rádio.

Eduardo afirma que o livro surgiu de sua tese de mestrado e foi influenciado por vários pesquisadores, como

os professores Nilson Lage, Adélmo Genro Filho e Paulo Freire. Em *O Conhecimento do Jornalismo*, ele aponta um caminho para as escolas de comunicação superarem a distância existente entre a prática e a teoria, baseando-se em uma reflexão sobre a prática. Após o lançamento do livro, o professor vai para Lisboa, Portugal, onde cursará doutorado na Universidade Nova de Lisboa. Eduardo pretende elaborar tese em sua área, o rádiojornalismo.

Adriane Canan

O que rola na noite da Ilha

Aonde vai e o que faz a juventude

A maioria dos turistas adora Florianópolis, mas queixam-se de que não tem nada para fazer à noite. Que noite é essa, ou qual é a da night? Para tentar achar essa resposta, o Zero, foi conferir o que acontece na mágica e tão desprezada vida noturna local. Viu de perto todos os ingredientes que movimentam esse mundo de que os turistas não gostam: bebidas, drogas, música, diversão e dinheiro.

Os bares são escolhidos para o famoso "esquentar". É a concentração dos jovens que geralmente saem em turmas e procuram cervejas para embalar a noite. A excursão começa pelo Frango Frito. São onze horas e o lugar está praticamente lotado de jovens de 15 a 25 anos. Porres memoráveis, encontros calorosos e o vaivém ao banheiro, traçam o perfil do bar, que "defumado" pelo cheiro de fritura, é, atualmente, um dos points preferidos da cidade.

O Bar Ilhéu é a segunda escala. Os frequentadores não cheiram a fritura, e adoram clips da MTV, pelos quais pagam Cr\$ 20 mil de consumação, o que significa, pelo menos, quatro chopos. Já de cara você se depara com o gentil porteiro, que ao menor sinal de "alegria etílica", põe o alegre para fora.

Gente da noite — "A gente sai para ver gente e se divertir; o pior de tudo é ter desilusão". Já estamos no Barulho Urbano, o lugar preferido de Flávia Pimentel, 17 anos, estudante. Palco de recentes atrocidades da Polícia Militar de Santa Catarina, que bateu em jovens e matou um segurança, a boate vem recuperando o movimento com um bom repertório musical e o apoio dos habituais frequentadores. A miscigenação das várias "tribos" jovens talvez seja o motivo do sucesso da casa.

Sair ou não sair? Este é o dilema



Barulho, bebidas e diversões é o que não pode faltar

de Patrícia Silveira, de 15 anos, que prefere fazer festa com os amigos. Para ela, nada justifica a ação da polícia no assassinato do "Montanha", segurança do Barulho Urbano. "A preparação dos policiais é fraca, eles não têm consciência de que estão com uma arma na mão", diz Patrícia. Tiane Regina Vessling de 18, trabalha muito e procura a noite para beber e se divertir. Ela, como os turistas, considera a noite de Florianópolis fraca, acha que faltam bares diferentes, mas ressalta que "é você quem faz a noite, e não ela quem te faz".

"O Baccarat é um droga: não se pode entrar de tênis, não tem fliperama e nem mesa de sinuca", diz um rapaz a uma garota, sobre o point

de "mauricinhos". Sleeve da Mormaii, será essa a nova moda da noite? Ainda não se sabe, mas é o que trajava uma figura em frente ao Barulho Urbano. Enfim, a noite da Ilha depende muito dos seus malucos.

Octopus Cave é a boate mais equipada da cidade, no entanto, precisa de festas para encher a casa. "Falta cultura na noite de Florianópolis", pensa o fotógrafo e promotor de eventos Mário Varella, de 32 anos. "Isso não é carectice, Florianópolis precisa de identidade", completa.

Sai, vai embora, ele se ajoelha e a beija; a cena romântica marcou a memória de Tiara Cretz de Oliveira, 16. Ela presenciou tudo no Bar-Boate Arataca, que ressurgiu na noite de Floripa com as festas de colégios e

faculdades. Já Rafael Medeiros não compartilha deste romantismo; para ele, o que precisa mudar é a filosofia das mulheres. "Elas devem ser mais liberais".

Uma noite em Floripa leva do bolso de cada jovem em média Cr\$ 20 mil, isso se beber pouco, não comer e nem se movimentar muito. Tirando a falta de dinheiro, talvez seja mesmo moda a mania que todos têm de ir a um mesmo lugar.

Por toda essa falta de estrutura, muita gente troca uma noite mal curtida por oito horas de sono, coisa que, evidentemente, não está nos planos dos turistas.

Diógenes Botelho

Fundador do curso vence outra vez

O professor César Valente assume a coordenadoria do Curso de Jornalismo pela terceira vez, após a eleição de dois de setembro. Em disputa voto a voto, ele venceu o professor José Gatti por apenas oito votos, 84 a 76, nesta segunda eleição realizada pelo Jornalismo em 1992. O resultado das eleições do mês de julho, com a escolha do funcionário Dalton Barreto, não foi homologado pelo Conselho Universitário por ferir os Estatutos da Universidade, que impedem funcionários de assumirem a função de coordenador do curso.

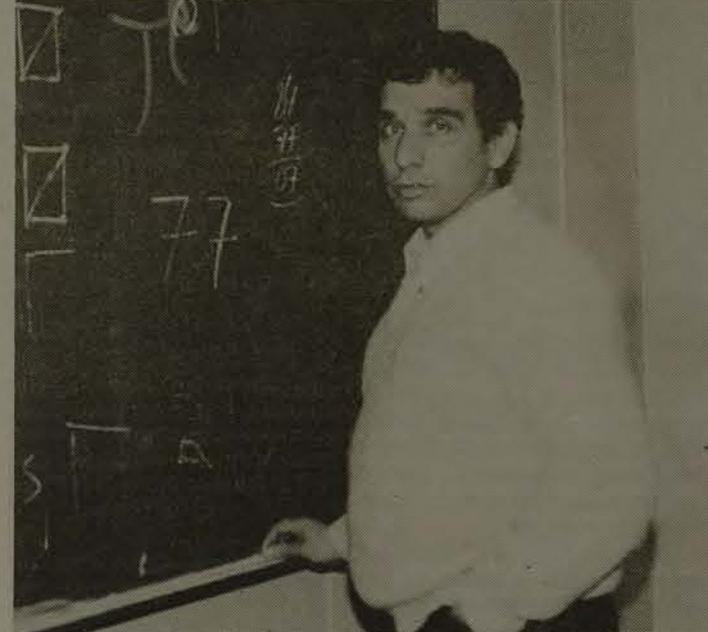
César Valente foi um dos iniciadores do curso de Jornalismo na UFSC, do qual foi coordenador de 1980 a 1984. Depois de tomar pé da atual situação da coordenadoria, pretende implantar as primeiras mudanças: a separação, do espaço físico, entre as secretarias da Coordenação e da Chefia de Departamento, a preparação de material da divulgação do curso, para ser oferecida aos alunos, visitantes e candidatos, além de um boletim informativo da coor-

denadoria que permite aos alunos conhecerem melhor as normas de funcionamento do curso e da universidade.

O novo coordenador acredita que o relacionamento com a chefia de Departamento será facilitado "pelas idéias semelhantes que existem quanto à orientação profissional". Mas adverte que "não vai deixar de assumir a função de coordenador, defendendo o currículo e os interesses dos alunos, com a consciência que a chefia defende os interesses dos professores".

O chefe do Departamento de Comunicação, Francisco Karan, acha que a escolha de César "vai permitir maior entrosamento e trabalho conjunto entre a chefia e a coordenadoria, facilitando a burocracia interna e a elaboração do plano departamental". Karan acredita que, juntos, poderão levar adiante projetos como *Memória Viva do Jornalismo* e a realização de encontros e palestras preparadas com correspondentes estrangeiros.

Jaime Moraes



Valente vence por apenas oito votos

Ana Carine Monteiro - Zero

15 alunos mantêm aceso o sonho da língua universal

Todas as segundas e quartas, ao meio-dia e trinta, o estudante Cristiano dos Passos, de 18 anos, entra numa sala do Centro de Ciências Humanas da UFSC, e assume a função de professor, cumprimentando os 15 alunos numa língua estranha:

Bonan tagon!

A língua, na qual o professor disse "boa tarde", é o Esperanto, um idioma artificial, que em 92 comemora 105 anos de existência.

O médico polonês Ludwing Lazar Zamenhof inventou o Esperanto em 1887, usando radicais latinos, germânicos e eslavos. Por trás disso, havia uma forte dose de ideologia, baseada no humanismo e na possibilidade de o entendimento dos povos se dar através da linguagem. A idéia de Zamenhof era fazer do Esperanto a língua internacional, neutra e de fácil compreensão em qualquer parte do planeta. Hoje, cerca de 10 milhões de pessoas estão falando Esperanto. Isso equivale ao número de habitantes de um país como a Dinamarca, por exemplo.

Desde abril do ano passado, o UER (Universitata Esperanto Rondon ou Círculo Universitário de Esperanto) promove as aulas na UFSC, com a intenção de difundir o idioma. "A UFSC tem condições de formar um pessoal com qualidade técnica para expandir o Esperanto", avalia Lauro Haber, de 39 anos, estudante de psicologia e fundador do Círculo Universitário. "A gente quer que ele venha a se tornar um curso extra-curricular, depois matéria optativa, e por fim, chegar ao vestibular", sonha.

O Esperanto possui regras gramaticais simples, para facilitar sua aprendizagem e, por consequência, sua expansão. Uma das regras fundamentais diz que para cada categoria gramatical existe uma terminação específica. Assim por exemplo, todos os substantivos terminam sempre com a vogal o (exemplo: amo — amor). Além de saber as regras, o interessado deve esquecer o m e o n anasalados. Não existem.

Cristiano dos Passos foi o primeiro professor preparado pelas aulas do Círculo Universitário. Em um ano, ele aprendeu a língua e não pensou duas vezes antes de aceitar o convite para dar aulas. "O próprio envolvimento com o movimento estabelece um compromisso de tentar levar o Esperanto à frente. A dificuldade é que o Esperanto só oferece cultura. É o mundo não gira em torno do crescimento pelo conhecimento, mas sim do que é puramente material", analisa Cristiano. Ele se mostra alheio aos comentários de que o ideal esperantista não passa de uma utopia. "Esperanto é realismo futurista", afirma.

E quem quiser frequentar o curso de Esperanto da UFSC, para conhecer esse "realismo do futuro", basta aparecer no sala 305 do CCH, nos dias das aulas, e pagar uma taxa pelo material didático.

Alexandre Gonçalves

Só dois compareceram ao debate

No dia 23 de setembro, os alunos da disciplina de Telejornalismo II, do Curso de Jornalismo da UFSC, promoveram um debate com dois candidatos a prefeito de Florianópolis. O debate, realizado dez dias antes da eleição, só teve a presença de Edison Andrino (PMDB) e Péricles Prade (PL/PTB). Os outros candidatos foram convidados e confirmaram sua presença, mas no dia do debate não apareceram.

Transmitido ao vivo, do estúdio do Laboratório de Vídeo para o hall do Curso de Jornalismo e para o Bar do Básico, no CCE, através de circuito interno de TV, o debate foi produzido por dez alunos da disciplina. Orientados pela professora Beatriz Wagner, os alunos se dividiram em pequenos grupos para definir o formato, elaborar as perguntas, convidar os candidatos e divulgar o debate. A mediação ficou a cargo dos alunos Nelson Correia e Suzana Naspolini.

O público que assistiu ao debate também participou, questionando os dois candidatos sobre assuntos polêmicos como o Pólo de Informática e o Plano Diretor. Ao final, tanto Edison Andrino quanto Péricles Prade elogiaram bastante a iniciativa dos alunos, qualificando o debate como "importante", "inteligente", "descomplicado" e "descontraído".

Alexandre Gonçalves

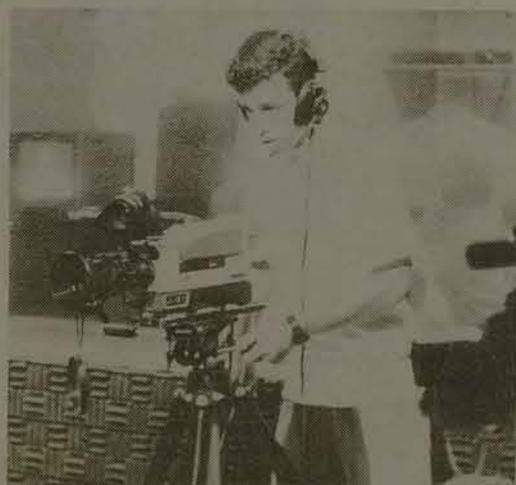
Andrino e Péricles debateram na UFSC assuntos de interesse da comunidade



Prade fez elogios ao trabalho dos alunos e da professora



Andrino foi o primeiro a chegar



Atrás das câmeras muita atenção

TVE operou dois anos e então sumiu

Não é a primeira vez que Santa Catarina ganha uma televisão educativa, embora a concessão tenha sido dada agora à Fundação Caracol. Em 1975 a Secretaria da Educação começou a produzir programas, em circuito interno, no Instituto Estadual de Educação, com equipamento estimado em um milhão de dólares. Não durou dois anos. No final do governo Konder Reis, a TVE deixou de funcionar e hoje só resta uma lista de três páginas especificando o material comprado.

O assessor de imprensa na época e hoje diretor do jornal *A Notícia*, Gilmar Corrêa, explica: "Era só apertar um botão e a TV iria para o ar em circuito aberto pelo canal 2. Não deu certo por imposição comercial, por forças ocultas".

Em 1981 a Universidade Federal de Santa Catarina tentou firmar convênio com a Secretaria para utilizar o equipamento no Curso de Jornalismo. O convênio não chegou a se concretizar porque a aparelhagem era obsoleta e terminou "se perdendo por aí".

O assunto, curiosamente, não foi encerrado com a desativação da TV. Um funcionário que acompanhou o trabalho afirma que a Secretaria da Educação continuou recebendo verba do governo federal para a TVE. "Era muito dinheiro, tinha gente indo para a Alemanha fazer curso de especialização nesta área". Gilmar Corrêa confirma: "Isso foi até o ano de 1980 e cacetada, só que eles extinguiram os documentos comprometedores".

Ainda como assessor, ele conseguiu reunir alguns documentos e colocá-los no processo que explica a implantação da TV. Este processo, de 15 centímetros de altura, foi deixado na assessoria de imprensa. De lá foi levado para o setor jurídico e acabou no arquivo morto. Os funcionários afirmam: "se perdeu no meio da papelada".

Alexandre Gonçalves

Claudine Nunes

Horário eleitoral vira coisa de débil mental

A propaganda eleitoral gratuita na TV mostrou o quanto os candidatos a vereador estavam "preparados" para ocupar uma cadeira na Câmara Municipal de Florianópolis. Sem propostas e presos a chavões políticos, a maioria deles usou apelidos infames e "versinhos" estúpidos para ganhar a empatia dos eleitores.

Era só dizer as palavras mágicas — "meu nome é..." ou "pego permissão para adentrar ao seu lar..." — e o desfile de asneiras começava. Com a "boca fechada", os candidatos liam os textos bem devagar, para facilitar sua leitura, mas dificultando a compreensão de seus importantes "discursos" (sic). Um bom número de candidatos preferiu se identificar através dos apelidos. As "figuras" entravam no ar apostando na vitória, fazendo cara de sério. Mas não dá pra levar a sério um candidato que se apresenta com apelidos do tipo: "Guri", "Cadão", "Fedoca", "Palá", "Rolha", "Keka", "Maninho" e "Pitoco".

Duros como pedra diante das câmeras, alguns candidatos tiveram coragem de ousar, recitando versos que em breve se tornarão clássicos da poesia brasileira (sic). O ilustríssimo senhor Valci Lacerda demonstrou toda a sua indignação, apresentando os singelos versos: "Eleição vem, eleição vai e a miséria do nosso bairro não sai". Perfeito. Já o João Botelho

saiu-se com: "Não fique de joelho, vote em João Botelho". Essa matou. Uma idéia como essa merece um prêmio. Mas se algum candidato merece o troféu de "Melhor Poeta do Horário Político", este com certeza deve ser o Machadinho, do PDT. O "seu" Machadinho preservou sua cara-de-pau para recitar os mais apaixonados e bregas versos da propaganda eleitoral: "Vote com carinho, vote em Machadinho". Beleza.

Nem mesmo o apelo do candidato Álvaro Preis, "temos que mostrar nosso tutano", comoveu os outros "postulantes" a uma vaga na Câmara, a ponto de demonstrarem mais inteligência e mais clareza em suas propostas. E propostas viáveis também. Teve candidato prometendo (sem querer prometer) coisas que um vereador, por mais influente que seja, nunca vai fazer. Esse foi o caso do Lúcio (PT). Na ânsia de conseguir o apoio do eleitor jovem, que para ele "não é um banana", Lúcio prometeu acabar com o serviço militar! (sic). E ainda teve candidato que levou o boneco do "Babyssau" pro horário eleitoral. Mas boneco por boneco, o Miguelito da Frente deu de goleada, ô.



CNPq reduz bolsas para o Estado

Rendimento escolar acima de seis pode garantir 200 salários de Cr\$ 515 mil

Professores e estudantes universitários tiveram, este ano, seus trabalhos de pesquisa dificultados: o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico Tecnológico (CNPq) diminuiu o número de bolsas de auxílio à pesquisa, devido à crise financeira no país.

Para Santa Catarina, o CNPq enviou 200 bolsas de Iniciação Científica, distribuídas entre alunos da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) e Fundação Universidade Região

de Blumenau. A avaliação, que antes era feita em Brasília, este ano foi feita pela UFSC, por ser a universidade catarinense com maior nível de titulação.

Os critérios de avaliação também mudaram. Para aceitar um projeto, o CNPq exigia que o aluno de graduação não tivesse nenhuma reprovação na área escolhida para pesquisa; a UFSC exigiu rendimento escolar superior a 6 e que o aluno tivesse no máximo duas reprovações em todo o histórico escolar. Além disso, as comissões fizeram a avaliação dos projetos e cronogramas de trabalho.

Para os docentes, os critérios são diferentes. Foi levada em conta a participação em eventos, as publicações do professor e sua produção nos últimos cinco anos. As comissões de avaliação foram indicadas pelo reitor da UFSC, pela FURB e pela Udesc. O CNPq trabalha com três

áreas: Ciências da Vida, Ciências Exatas e da Terra, e Ciências Humanas. Cada uma delas teve uma comissão formada por profissionais da área.

O CNPq patrocina 16 tipos de bolsas com remunerações diferentes. Além disso, financia viagens para a participação de eventos dentro e fora do país, e estadas de estrangeiros que auxiliarão no desenvolvimento das pesquisas de brasileiros. O estudante que possui bolsa de iniciação científica recebeu, no mês de agosto, Cr\$ 515 mil.

Para não ter sua bolsa cancelada, o aluno tem que atender a algumas exigências do CNPq: precisa cumprir o cronograma, apresentar um relatório trimestral para a universidade e outro semestral para o CNPq. Além disso, precisa apresentar o resultado do seu projeto em seminários promovidos pela universidade.

Verba aumenta se o assunto é importante

Como é seu projeto do CNPq?

É a apresentação de uma tese baseada nas idéias do filósofo amador Francisco Ferrari de Carvalho. Creio que o nosso mundo, o planeta Terra, a Via Láctea, nosso universo é a imagem virtual de um mundo real, onde vivem o Homem Aranha, o Capitão América e, conseqüentemente, o Super-Homem e o Batman; ou seja, nós não somos a realidade, nós somos a fantasia e eles a realidade. Nesse momento, eles se divertem lendo histórias em quadrinhos sobre as aventuras de Fernando Collor e companhia.

De onde surgiu a idéia de desenvolver este projeto?

A loucura da raça humana é algo transcendente. E a maior loucura desse povinho nojento que habita o Planeta Terra foi se achar o povo escolhido por Deus, chegando até dizer que a Terra estaria no centro do Universo. Se nós conseguirmos provar que o Planeta Terra não existe e que a Via Láctea é uma ficção, ou seja, que nós somos apenas microbytes que rodam num simulado de universo alienígena, conseguiremos acabar em apenas 15 páginas com mais de trinta séculos de ateísmo e coisas idiotas feitas em nome de Jesus Cristo, Maomé ou Buda e diversos outros menos cotados que se autodenominam profetas.

O projeto que você apresentou para o CNPq foi...

O projeto apresentado ao CNPq, Universo Marvel-Estudo Introdutório, se restringe apenas a elaborar as idéias de comparação entre o mundo real (eles) e o mundo virtual (nós) baseadas no Universo Marvel, que é composto pelo Homem Aranha, Capitão América, pelo Justiceiro e pelo Demolidor. Basicamente pode ser definido como o estudo da influência do Homem Aranha na cultura ocidental. Isso já me causa bastante problema: o Universo Marvel é muito extenso, tem mais de 30 anos de vida e se eu fosse querer abranger o Universo DC, Batman e companhia, eu não teria condições nem bibliográficas, nem de tempo mesmo com toda minha equipe para desenvolver o projeto.

Sua equipe tem quantas pessoas?

Não diria que eu tenho uma equipe, porque neste ramo não se trabalha em equipe nem com a idéia de uma pessoa só. Mas existem muitas pessoas colaborando: existe um sujeito chamado Marcos Vinícios Barra Gama, que estuda vampiros, o Francisco Ferrari de Carvalho, que está na Filosofia após ter cursado Contabilidade (por isso, ele estuda mais a parte militar do Universo Marvel), o Rodrigo Sartori, que estuda a parte da loucura, principalmente na área da aviação do Universo Marvel.

Em quanto tempo pretende desenvolver este teu projeto?

Simplesmente, resolvi pegar um pouco dessa sabedoria e aplicar ao Universo Marvel para divulgar a teoria da Não-Existência.

Quais são seus principais objetivos de vida?

Morrer.

Se nós somos o mundo virtual, onde está o mundo real?

Segundo cálculos de astrofísica, se você traçar duas diagonais, uma ligando o momento de criação do Detetive Aranha, que foi o momento de criação do Homem Aranha, na década de 50, e outra ligando o momento de criação do Homem Aranha do Stan Lee, em 1962 — e tomar a lua como ponto básico onde as duas diagonais vão se cortar, a diagonal do Detetive Aranha vai direto pro Espaço Sideral. Ninguém sabe onde vai parar e por incrível que pareça, a outra diagonal cai relativamente perto, num Buraco Negro da Galáxia M-32. Tudo isso é baseado em dados científicos.

Uma exceção na política de restrições do financiamento de projetos foi o atendimento ao pedido encaminhado pelo estudante Marcelo Maciel, do curso de Direito, que se propôs a estudar o porquê de a editora Marvel vender mais que a editora DC, apesar desta ser mais antiga. Nessa entrevista, o bolsista mostra quais os objetivos científicos e filosóficos do projeto, no qual pretende provar que o nosso mundo é apenas o reflexo de uma realidade em que avultam o Capitão Marvel, o Homem-Aranha e, eventualmente, Batman e Robin.



Qual seria então o interesse de alguém em criar o mundo virtual? Leia a Bíblia!

Mas a Bíblia não foi escrita por gente do mundo virtual?

A Bíblia foi escrita por gente do mundo virtual, utilizando gente do mundo real. O Alcorão também é um livro ótimo, é melhor que a Bíblia porque você pega uma espada e diz assim: "Você quer se converter? Se a pessoa diz que não, você corta a cabeça dela. É um pouquinho mais violento, mas é muito bom!

A Bíblia é a história de algum outro lugar ou é realmente a nossa história?

Todas as histórias são a nossa história. São histórias de algum lugar, são histórias de lugar nenhum. Porém, a Bíblia merece um pouquinho mais de crédito, porque não se trata de um livro mas, de 72; que abrange os outros livros. Por isso, que eu não trabalho mais com o Alcorão, porque os árabes também são filhos de Abraão que é o patriarca da Bíblia. De Abraão as três principais religiões monoteístas, o Islamismo, o Cristianismo e o Judaísmo.

Desde quando você começou a pesquisar sobre mundo real e virtual?

Isso é coisa antigíssima, vem da Teoria da Não-Existência. Mas é básico. Uma vez que o Universo é binário, trabalha em zero e um, em luz e trevas existe o mundo real e o mundo virtual.

Segundo as idéias do Francisco Ferrari de Carvalho, nós somos o Universo virtual e o Universo real está do outro lado do Buraco Negro. Comecei a pesquisar isso quando eu era criança. Quando jogava uma pedrinha no mar, ficava pensando no que tinha em baixo. Mas, a medida que tu vais desenvolvendo, começa a pensar também no que está embaixo da Terra, embaixo do céu, embaixo do Universo. Se fores estudar astrofísica, vais descobrir que as galáxias giram em torno de uma bolha que no começo foi o Big-Bang e que no fim... o fim eu não sei. Não pretendo estar vivo para ver o fim. Mas uma vez que é uma bolha, tem o lado de dentro e o lado de fora. No lado de fora, estão as galáxias que deslizam sobre vácuo e; no lado de dentro, a antimatéria que desliza no não-vácuo. Basicamente é isso: o povo do planeta Terra tem a tecnologia para destruir o Universo. Se botarmos um acelerador de partículas em órbita, não destruímos só o nosso planetinha, destruímos tudo de uma vez só. Nós somos um perigo cósmico! Os alienígenas só não vieram atacar ainda porque a gente não tem tecnologia para botar o pé fora da Lua. A partir do momento que os terráqueos tiverem esta tecnologia, os alienígenas matam a pau. E eu ajudo!

E qual seu objetivo?

O objetivo é basicamente o seguinte: eu quero dizer, nós — vou conquistar o mundo, vocês queiram ou não. Falo em nome do capitão James T. Kirk, da Enterprise.

E o objetivo colocado no projeto do CNPq?

O objetivo eu tirei do Alcorão: ou vocês se convertem ou nós mandaremos Saddam Hussein invadir o que ainda resta do terceiro mundo. Para o CNPq isto está resumido na frase: "Não importa a vida, não importa a morte; o que importa é a luta".

Que hipótese você quer provar?

Eu não quero provar nada. Eu quero é pegar o dinheirinho do CNPq e tomar de cerveja. Se isso ajudar a humanidade, melhor!

Andressa Fabris e Fernanda Medeiros